

# Lêgerin

Número 9

---

A insistência no socialismo é  
a insistência em ser humano

---







# índice.

<b>Editorial</b>	<b>1</b>	<b>Enfrentando a contradição nacional de Euskal Herria</b>	<b>24</b>
<b>Buscando a verdade</b> Abdullah Öcalan	<b>2</b>	Rizgar Etxebarrieta	
<b>Perspectiva internacionalista</b> A Comuna Internacionalista	<b>7</b>	<b>Arlen Siu - A Poesia da Revolução</b>	<b>27</b>
<b>A beleza e a besta</b> Jovens mulheres internacionalistas	<b>11</b>	Roza Shanina	
<b>Defender nossa cultura é lutar contra o colonialismo</b> Cemil Cudi	<b>14</b>	<b>Arte quente</b>	<b>30</b>
<b>Entre identidades</b> Zozan Çekdar	<b>18</b>	Rêbin Kocer	
<b>Aprendi a rir nas montanhas...</b> Ş. Halil Dağ	<b>21</b>	<b>A linguagem e a memória histórica da resistência</b>	<b>35</b>
		Iraultza Şiyar	
		<b>O que aconteceu na história?</b>	<b>38</b>
		<b>Poema</b>	<b>42</b>

# editorial.



**Caros camaradas,**

**As grandes dimensões da crise global e suas crescentes contradições, que estão levando diferentes Estados imperialistas a uma luta pela hegemonia e uma posição firme na atual ordem multipolar, provocaram o prolongamento da Terceira Guerra Mundial na Europa. Agora, diante de uma OTAN fortalecida e de uma crise em constante desenvolvimento, aproxima-se um novo período de guerras e expansão imperial.**

**Ao mesmo tempo, os guerrilheiros continuam a resistir, como vêm fazendo há anos, aos ataques desumanos do estado fascista turco. Drones, bombas táticas nucleares e diferentes armas químicas não conseguiram derrotar a resistência histórica da guerrilha livre do século 21. Na ausência de resultados, o regime AKP-MHP, consciente de que a única maneira de evitar sua própria desintegração é liquidar o PKK, então o regime concentrou novamente seus ataques em Rojava e no nordeste da Síria. As bombas que caem sobre o povo de Rojava têm o mesmo nome que as que caem sobre a Ucrânia. Ambas as guerras são o resultado da 3ª Guerra Mundial que vem ocorrendo desde a intervenção dos Estados imperialistas no Oriente Médio.**

**Mas esta expansão não está limitada a armas, bombas e exércitos. Uma guerra oculta está ocorrendo em nossos corpos e pensamentos. Nesta nova edição quisemos, portanto, colocar o foco no colonialismo e seus efeitos em nossos pensamentos e modos de vida. A expansão da civilização e finalmente da modernidade capitalista levou à homogeneização do mundo e da cultura. Através da Guerra Especial eles querem apagar nossa memória histórica e dissociar-nos de nosso passado e de nossas raízes. O neocolonialismo é, portanto, um processo de autoalienação e autodestruição.**

**Esta questão é um apelo à nossa memória e consciência histórica; à resistência contra a expansão neocolonial; à libertação de nossas mentes e corações. Com esta edição queremos que você reflita e ilumine, como pequenos vaga-lumes nesta longa noite escura.**

**Vamos juntos recuperar nossa memória, nossa cultura, nossas raízes e construir uma vida livre!**



# Em Busca da Verdade

**“Eu estava convicto que não poderia ser livre neste mundo. Aqui na Ilha de Imrali, tenho pensado muito sobre as diferenças entre a prisão interior e exterior. Fazendo isso, eu descobri que o aprisionamento fora da masmorra é o mais perigoso para o indivíduo. Para um indivíduo curdo, a ideia de estar livre no mundo é uma imensa ilusão. Uma vida de erros e sobre um regime de mentiras é uma vida traída e perdida.”**

Abdullah Öcalan

Não pode haver nada mais valioso na vida de uma pessoa do que aprender a verdade sobre a realidade na qual se vive. A busca por verdades é o ato humano mais precioso. Pois o humano é o ser que torna a verdade em realidade. No início da aventura que iria se tornar minha vida, me faltava tudo. Não é fácil nascer e crescer em uma família que está desmoronando em uma sociedade que está desmoronando. A dificuldade está no fato de que tal família há muito perdeu seus valores. Tudo que foi lhes foi deixado foram cabeças vazias, vulneráveis as infundáveis mentiras de seus governantes. O problema é que a mentalidade deles está muito fraca para se erguerem contra essas mentiras. Sociedades colonizadas ou aquelas que ainda estão além, inevitavelmente serão engolidas por essas mentiras após certo tempo, seja por força ou persuasão. O mundo dos governantes se sustenta por uma riqueza de experiências a esse respeito. Eles sabem muito bem como usar suas mentiras da forma mais efetiva. Ao superar esses obstáculos começamos o que nós chamamos de processo revolucionário.

Eu sou uma pessoa que pouco se importa com obstáculos. Minha conturbada vida inevitavelmente me levou a confrontar as verdade da sociedade em que vivi. As diferentes fases desse confronto, tentei explicar em outro lugar. Quis explicar como busquei pela verdade na ideologia e na ciência. Todas essas explicações eram dirigidas contra aqueles que negaram minha identidade humana e social, marcada como criminosa, posta na mira para ser aniquilada. As explicações também eram direcionadas contra aqueles que puseram a justiça do sistema contra o indivíduo, os EUA, a UE, a República da Turquia e seus colaboradores

No passado, quando eu ainda estava lutando em uma prisão a céu aberto e gastava muita energia com treinos e discursos, eu não encontrava muito tempo para desenvolver minha concepção de verdade. Para pessoas que enfrentam grandes questões, uma prisão fechada é um ótimo professor. Aqueles que não permitem que essas questões e condições não os destruam podem fortalecer seu entendimento sobre a verdade na prisão e lutarem de forma vitoriosa. .

Aqueles que lutam por uma grande causa e se esforçam para alcançar um pouco mais de verdade todos os dias podem encontr-la aqui. Se os momentos que passam servem para alcançarmos a verdade, até mesmo a vida na prisão vale a pena ser suportada. O sistema da modernidade capitalista, liderado pelos EUA e a UE, é responsável pela minha deportação para Imrali. Fui trazido para cá não por órgãos legítimos ou dentro da legalidade, mas numa massiva operação da Gladio, a força irregular e ilegal da OTAN. Supõe-se que eu fui capturado em uma operação bem sucedida das forças de segurança da Turquia e trazido para esta ilha. Esse é apenas o modo como o caso foi apresentado ao mundo..

---

**“O mundo dos governantes se sustenta por uma riqueza de experiências a esse respeito. Eles sabem muito bem como usar suas mentiras da forma mais efetiva. Ao superar esses obstáculos começamos o que nós chamamos de **processo revolucionário.**”**

---



Eu fui trazido para cá em 15 de Fevereiro de 1999. Exatamente 74 anos antes, em 15 Fevereiro de 1925, a conspiração contra Sheikh Sais teve início. Após um julgamento armado na ilha, sua sentença de morte foi dada em 29 de Junho de 1999. No mesmo 29 de Junho Sheikh Said e seus amigos foram executados. Por três quarto de um século, o estado manteve seu negacionismo e operação de extermínio contra os Curdos. A UE e os EUA concordaram com a pena de morte. Ela deveria servir como uma ameaça, mas sua execução deveria ser impedida pela Corte Europeia de Direitos Humanos. Através de mim, o movimento revolucionário, o movimento de libertação Curdo e o PKK, que estavam todos além do controle deles, deveriam ser liquidados. Secretamente eles concordaram com essas diretrizes. Isso também incluía criar os caminhos legais da "luta contra o terrorismo".

A trama contra mim tinha como objetivo acabar com qualquer esperança. Por esse motivo, a execução da pena de uma sentença capital se manteve na agenda por muito tempo. Nos primeiros dias, eu não podia conceber

suportar o isolamento extremo. Sobreviver mesmo um ano parecia impossível para mim. Eu pensei, "Como eles podem colocar milhões de pessoas em uma cela minúscula?". Como líder nacional Curdo, eu havia de fato me tornado a síntese de milhões dadas as circunstâncias da minha deportação. Muitas pessoas não conseguem suportar viverem separadas de suas famílias e filhos por um longo período de tempo – como eu poderia aguentar ser arrancado de milhões de pessoas tão intimamente associadas a mim? Não me era permitido receber nem mesmo a menor das cartas do mundo exterior. Com poucas exceções, eu não recebi nenhuma correspondência exceto por umas poucas cartas censuradas de outros prisioneiros. Eu também não podia enviar cartas. Tudo isso deve de alguma forma explicar a situação de isolamento. Mas minha situação tem algumas peculiaridades.

Iniciei muitas coisas na nossa sociedade. Todos nós precisamos de todos esses projetos não finalizados para uma vida livre. Meu "Eu" estava recém integrado ao reino da liberdade social.

Nesse momento, uma nova fase começou com meu aprisionamento. Mesmo se as condições externas fossem excelentes e a prisão em si palaciana, isso não seria o suficiente para explicar como eu suportei o isolamento. Isso nada tem a ver com as condições externas ou a atitude do estado. O que é decisivo é que eu me envolva com o isolamento. Eu preciso de uma grande motivação para que eu suporte o isolamento e prove que uma boa vida é possível apesar do isolamento. Nesse contexto, eu gostaria de dirigir a atenção para dois conceitos.

O primeiro é sobre a situação social dos Curdos. Meu raciocínio era o seguinte: Para que eu possa lutar pela liberdade a sociedade em que vivo deve ser livre. Mais precisamente, liberdade individual não é possível sem a sociedade. Sociologicamente falando, liberdade individual depende inteiramente da liberdade da sociedade. Mas a sociedade Curda, vive como se em uma masmorra escura onde não se pode ver suas paredes.



O segundo ponto é a necessidade de se comprometer com um princípio ético para compreender a totalidade do conceito. O indivíduo precisa entender que ele só pode viver em conexão com a sociedade. Uma concepção essencial da modernidade é a convicção que se pode viver sem laços sociais. Essa é uma narrativa falsa. Tal vida não existe, na melhor das hipóteses é produzida, uma realidade virtual. O fato de que esse princípio foi perdido reflete a decadência da moralidade. Aqui, moralidade e verdade se entrelaçam. O individualismo liberal se torna possível apenas através da dissolução da moral da sociedade e do apartamento entre sociedade e verdade. Que isso nos seja apresentado como o modo de vida dominante do nosso tempo não prova como correto. Tirei esta conclusão também do meu envolvimento com a realidade Curda e com a questão Curda.

Aqui eu devo apontar uma dicotomia na minha vida. Por um lado, eu tentei fugir de ser Curdo; por outro lado, eu fui levado a ser Curdo. Por conta do genocídio cultural, havia uma abundância de oportunidades para que eu me afastasse. Escapar sempre pareceu atrativo. Mas é precisamente aí que um princípio moral se apresenta. Pode ser certo salvar-se individualmente ao preço de abandonar sua própria sociedade? Eu estava prestes a me graduar na universidade, o que garantiria minha sobrevivência pessoal. Mas foi nessa época que eu tomei a decisão consciente de ser Curdo e assim retorna o princípio moral. O indivíduo precisa do senso de pertencimento a uma entidade social para que seja capaz de agir eticamente. Eu não poderia me recusar a fazer isso. Quando falo de moralidade nesse contexto, eu quero dizer agir eticamente. Eu não estou falando sobre conceitos morais primitivos tais como uma vida inteira pertencendo a e dependendo de uma família ou outra comunidade. Me voltar para a sociedade Curda e lidar com seus problemas só era possível através da moralidade e da ética. A ainda persistente servidão absoluta dos Curdos definitivamente impediu os meus sonhos de uma vida livre.

Eu estava convicto que não poderia ser livre neste mundo. Aqui na Ilha de Imrali, tenho pensado muito sobre as diferenças entre a prisão interior e exterior. Fazendo isso, eu descobri que o aprisionamento fora da masmorra é o mais perigoso para o indivíduo. Para um indivíduo curdo, a ideia de estar livre no mundo é uma imensa ilusão. Uma vida de erros e sobre um regime de mentiras é uma vida traída e perdida. No mundo

exterior, a vida vale ser vivida apenas sob uma condição: a ininterrupta luta pela liberdade dos Curdos. Para um Curdo, a única maneira de viver moralmente é ser um guerreiro pela liberdade 24 horas por dia.

Se eu aplicar esses padrões para minha antiga vida, eu a reconheço como moral. Por sua própria natureza, é punível com a morte ou aprisionamento - uma vida sem luta seria deonesta e desonrosa. Então, não suportar a prisão eu contradiria minha motivação de viver. Assim como a luta contra a aniquilação e por liberdade é inevitável, também é o aprisionamento. É parte da luta por uma vida livre. Para os Curdos, especialmente para os socialistas que não estão sob o jugo do liberalismo ou do perverso fanatismo religioso, não existe outra vida e nenhum outro mundo que não o da luta por uma vida moral e ética.

O segundo conceito nesse contexto é "verdade". Desenvolver um conceito sobre verdade é a única maneira de sobreviver a prisão. Mesmo em uma vida comum, um conceito forte de verdade torna possível perceber momentos de alegria, isso é, o significado da vida. Para uma pessoa que compreendeu o significado de sua vida a questão de onde se vive não é mais um problema. Uma vida de mentiras e falsidades perde seu significado. Degeneração sem motivação, depressão, conflitos e violência são as consequências naturais. Entretanto, aquele que desenvolve um bom conceito de verdade pode perceber a vida como um milagre. Ela se torna uma fonte de excitação e alegria. Na vida repousa o significado do universo. Quem quer que descubra esse mistério pode suportar qualquer vida mesmo na prisão. De todo modo, permanecer na prisão em nome da liberdade irá contribuir para o desenvolvimento do conceito de verdade. Assim, mesmo a maior das dores pode ser transformada em alegria.

---

**“Pode ser certo salvar-se individualmente ao preço de abandonar sua própria sociedade?”**

---

Para mim, a Prisão de Imrali se tornou a arena da minha luta pela verdade, para entender o fenômeno Curdo e explorar possíveis soluções. Fora, era mais sobre falar e agir; na prisão, é tudo sobre entendimento. As reflexões sobre filosofia política que expus nos meus escritos na prisão teriam sido muito difíceis de serem desenvolvidas fora dela. O próprio conceito de política já é difícil de compreender e requer um bom entendimento da verdade.

**“O próprio conceito de política já é difícil de compreender e requer um bom entendimento da verdade.”**

O isolamento muito me ajudou a perceber o positivista dogmático que eu era. Eu compreendo melhor que podem haver diferentes noções de modernidade e muitos modelos para a construção de uma nação - e que todas as estruturas sociais são entidades ficcionais de naturezas flexíveis e criadas pelos homens.

Era de particular importância para mim superar o estado-nação. Por um longo período, esse conceito possuiu para mim o status de imutável dogma Marxista-Leninista. Enquanto isso, minha pesquisa em história, civilização, e modernidade me mostrou que o estado-nação não pode ter nada a ver com socialismo, e é uma relíquia da civilização de classes e a mais concentrada expressão de dominação social, derivando sua legitimidade do capitalismo. Por tanto, eu não exitei em rejeitá-lo. Se um dia de fato alcançarmos o socialismo científico, é nesse momento que os clássicos do socialismo real devem mover-se. Que eles tenham adotado um conceito capitalista foi um grande erro e causou grandes males a causa do socialismo..

A minha profunda (totalabrangente) perspectiva de que o liberalismo capitalista é uma poderosa hegemonia ideológica levou-me a uma melhor análise da modernidade. Entendi que uma modernidade democrática não é apenas possível mas mais realista e mais atual e habitável que a modernidade capitalista. O socialismo real não superou o conceito de estado-nação, mas o entendeu como fato fundamental da modernidade.

Assim, nós nunca pensamos na possibilidade de outro tipo de nação, por exemplo, uma nação democrática. No passado, uma nação absolutamente deveria ter um estado! Os Curdos reconheceram na nação em si um dos fatos mais sinistros dos últimos séculos. Ela foi formada sob forte influência do capitalismo e desenvolvido até se tornar uma cela de ferro para as sociedades, especialmente através do modelo de estado-nação. Eu compreendi a preciosidade de conceitos de "liberdade" e "socialidade". A compreensão de que uma luta pela nação-estatal é uma luta operada pelo capitalismo, que levou a uma grande transformação na minha filosofia política. Reduzir a luta à nação e à luta de classes equivale à mesma coisa e, em última análise, apenas fortalece o capitalismo.

Outro insight foi que o conhecimento de sociedade que o modernismo propaga não é ciência mas mito. Isso aprofundou minha percepção de história e sociedade. Meu conceito de verdade passou por uma mudança revolucionária. Por abaixo os dogmas capitalistas e reconhecer de novo a história e a sociedade com a sua verdade inerente deu-me grande prazer. Desde então, eu tenho me considerado um "buscador de verdades". Através de um entendimento holístico da verdade, tudo ganhou um incomparável significado maior, eu fui capaz de encontrar um sem número de verdade revolucionárias. Nada mais poderia ter me dado tanto poder para resistir.

Um entendimento aprofundado da verdade também me permitiu desenvolver melhores soluções para os problemas. A mentalidade estatista Turca é sempre vista como sagrada e sem alternativas. O estado aparece nela como a única maneira possível de administração. Essa mentalidade tem origem nos Sumérios, é intimamente entrelaçado com o conceito de divindade, e também foi passado para as culturas Árabe e Iraniana dominantes. O conceito de deus único também é enraizado em boa parte no fenômeno do poder. As emergentes elites do poderio Turco desenvolveram talvez a quarta ou quinta versão. Eles não sabiam o significado (estruturalista) etimológico do conceito, mas foram impressionados por suas implicações em cada caso. Sobre os Seljuks e Otomanos, poder perdeu seu sentido; para ganha-lo, algumas vezes irmão, irmãs, e parentes eram executados

sem qualquer remorso. Esse pensamento ganhou uma nova camada na República. Mais precisamente, os conceitos de soberania nacional e nação-estado desenvolvidos na Europa foram impostos sobre essa potência. Assim, com o estado-nação Turco, um ainda mais perigoso Leviatã (um monstro dos mares bíblico-mitológico) foi criado. Qualquer um que o tocasse seria executado. Nada foi mais sagrado que o estado-nação. Isso era especialmente verdade para a classe burocrática.

## A questão do poder e do estado se tornaram o problema social mais complicado de todos os tiempos.

Em Imrali, eu pensei mais que tudo sobre os conceitos de "poder" e "estado". Quando eu entendi o papel que eles tem nas relações Curdo-Turcas, eu senti uma necessidade urgente de encontrar soluções práticas e concretas. Eu também achei necessário voltar aos Hititas para uma consideração de poder e estado em relações Turco-Curdas, que vem acontecendo por cerca de 1000 anos. Existem também relações geopolíticas e geoestratégicas entre as culturas de poder e estado na Mesopotâmia e Anatólia.

Aplicando essa ideia nas relações Turco-Curdas ficou nitido para mim que a divisão do poder e do estado não é um método significativo. Pois poder e estado, são componentes que são contrários ao conceito de democracia, eu os rejeito. Quando eu percebi o quanto a sociedade perde quando deixa toda sua administração para governantes e o estado, eu expandi meu entendimento do significado de democracia. Contudo, por que eu estou ciente que uma rejeição de poder ao estilo dos anarquistas leva a um beco sem saída na prática, eu compreendi que a negação completa negação (rejeição) da divisão do poder e do estado não corresponde a realidades históricas - embora este não possa de forma alguma ser um método de solução que eu defenda. Nossa escolha primeira é a administração democrática.



Entretanto, eu vi que simplesmente rejeitar a cultura do poder e do estado, sem um entendimento dos aspectos justificáveis da divisão, não pode levar a um resultado viável. Como resultado, eu desenvolvi um melhor entendimento da importância dos conceitos de "poder compartilhado" e "estado compartilhado".

Ao longo da história, relações entre a Anatólia e a Mesopotâmia tiveram um papel importante nas estratégias e políticas dos governantes e estados. Modelos de parcerias eram comumente experimentados. Em todas as fases críticas das relações Turco-Curdas, foi dada preferência a tais modelos, mais recentemente na Guerra de Libertação Nacional. Eu descrevi isso em detalhes em meu último livro. Eu não discuti apenas no nível do modelo teórico, mas apresentei um projeto com soluções práticas. Já que problemas similares estão recorrentes, eu acredito que haja potencial para mostrar um caminho fora do impasse, não apenas para as relações Turco-Curdas, mas para o Oriente Médio como um todo. Em contraste com o dogmatismo positivista da modernidade capitalista, ele se harmoniza com as realidades históricas e contém elementos de uma solução prática que deve estar próxima do ideal para todos. Em vista dos desenvolvimentos históricos, com relação aos problemas do poder e do estado, penso que os conceitos que desenvolvi, "modernidade democrática", "nação democrática" e "autonomia democrática", são úteis.

Outra descoberta foi que historicamente o conceito de poder centralizado tem sido a exceção, enquanto o poder local tem sido a regra. Eu entendo por que motivo as nação-estado são apresentadas como um modelo único e absoluto, como isso se relaciona com o capitalismo, e o que isso de fato significa. Isso também me apresentou a grande importância das soluções locais e regionais para a democracia.

Finalmente, eu tirei minhas conclusões sobre o relacionamento entre violência e poder. Obviamente, nossa escolha não pode ser de ganhar poder através da violência e tornarmos uma nação. Exceto pelo propósito da necessária autodefesa, usar de violência para ganhar vantagens não tem nada a ver com socialismo. Todas as formas de violência exceto autodefesa podem beneficiar apenas o monopólio dos governantes e exploradores. Essa conclusão formou a base da minha abordagem da questão da paz de uma maneira mais sensível e com princípios. Assim, eu adquiri as ferramentas conceituais e teóricas necessárias para acabar com os rótulos de "separatistas" e "terroristas" que é posto não apenas nos Curdos, mas em todos os grupos oprimidos pelos estados e governantes que os oprimem.

Exceto pelos problemas de saúde, eu posso suportar minha vida em Imrali. Minha consciência moral e força de vontade não se enfraqueceram, se tornaram ainda mais fortes. Além disso, um aumento na percepção da estética e da beleza também aumentaram as possibilidades para uma vida positiva, boa e bela. Eu preferia uma vida aqui, sozinho na minha cela, a uma vida com pessoas que o capitalismo desviou do caminho da verdade.

Para resumir: Para mim, a vida só é possível quando vivida em liberdade. Uma vida sem ética, injusta e apolítica é uma vida que não deveria existir em sociedade. Através de pressão ideológica, civilização em geral, especialmente a modernidade capitalista, permite e promove uma vida falsa com múltiplas formas de escravidão, mentiras, demagogia e individualismo. É assim que os chamados problemas sociais surgem. Revolucionários, independente que os chamemos de socialistas, libertários, democráticos, ou comunistas, devem se opor a civilização baseada na opressão de classe, cidade e poder, e ao modo dominante de vida moderna. Caso contrário, um modo de vida justo, livre e coletivo, não pode surgir. Senão, nós continuaremos a viver uma vida falsa, má e sem beleza, uma vida sem as fundações adequadas. Essa vida eu analisei como problemática, é um problema em si. Eu sempre rejeitei essa vida com toda convicção e lutei contra ela.

Outro aspecto que atrai grande interesse é a questão de viver com mulheres. Nas condições da modernidade, essa é uma questão importante. Está no centro dos problemas sociais, e para que possamos resolver isso devemos ter uma abordagem científica, filosófica, ética e estética. Hoje, sobre as condições da modernidade capitalista, uma vida livre baseada em parceria exige um grande senso de responsabilidade e um forte entendimento científico, filosófico, ético e estético. É imperativo que se considere o status das mulheres na civilização e na modernidade, e apresentar um comportamento ético e estético, senão qualquer tentativa de formar coabitação irá resultar em falsidade, imoralidade e feiura.

O sexismo primitivo baseado em poder, a moralidade civilizacional imposta pela modernidade sobre as mulheres produz imoralidade e feiura em excesso. Para superar essa atitude, contra a qual eu lutei tão vigorosamente, todo homem e mulher deve libertar a si mesmo. Para que uma mulher em particular se empodere, se liberte e alcance os níveis apropriados em todas as áreas da sociedade, nós devemos constantemente desenvolver, organizar e implementar posições e práticas científicas, filosóficas, éticas e estéticas na mentalidade e nas instituições da nação democrática. Seja na prisão, ou fora do útero ou em outro canto do universo, seres humanos só podem viverem livres em sociedade, iguais na diversidade, e democraticamente. A vida fora disso é pervertida e doente. Para corrigir e curar, nós lutamos em diversos discursos e ações sociais incluindo a revolução. Para isso, nós devemos primeiramente fortalecer uma mentalidade ética, estético, filosófica e científica.

Então, se eu algum dia vier a sair, não importa quando ou onde eu venha a viver, eu irei certamente lutar incansavelmente com palavras e ações, por uma nação democrática para os Curdos, uma união democrática de nações como um modelo de solução e emancipação para as pessoas vizinhas, as pessoas do Oriente Médio e do mundo. Com uma atitude ética, estética, filosófica e científica que constitui minha personalidade como uma pessoa que busca pela verdade, eu irei avançar, ganhar a vida e compartilhá-la com todos.

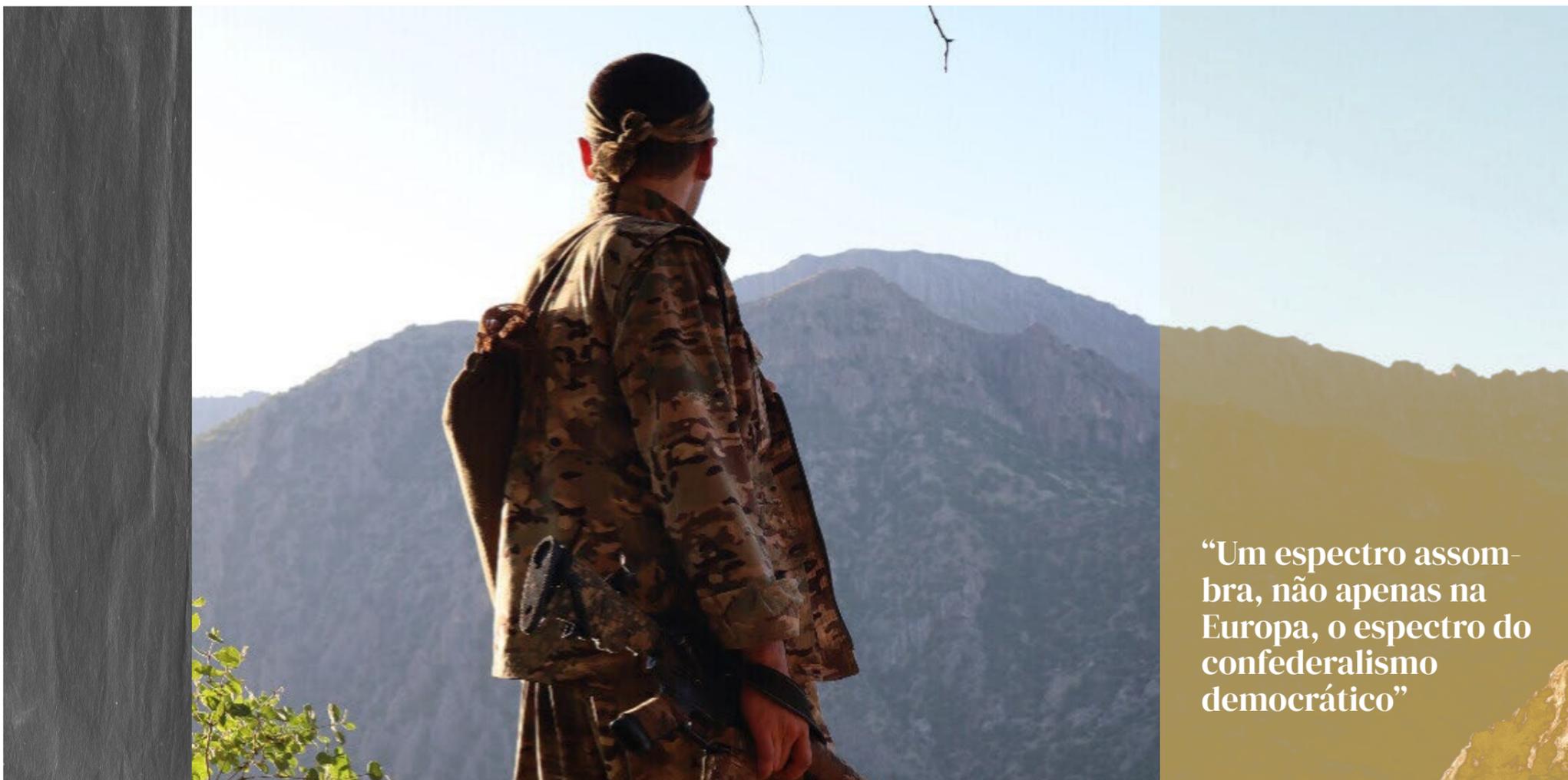
## Abdullah Öcalan

Prisão de Segurança Máxima de Imrali



**“Para resumir:  
Para mim, a vida  
só é possível quando  
vivida em liberdade.  
Uma vida sem ética,  
injusta e apolítica  
é uma vida que não  
deveria existir  
em sociedade.”**

**“Hoje, sobre as condições  
da modernidade  
capitalista, uma vida livre  
baseada em parceria  
exige um grande senso  
de responsabilidade  
e um forte entendimento  
científico, filosófico,  
ético e estético.”**



“Um espectro assombra, não apenas na Europa, o espectro do confederalismo democrático”

# Perspectiva internacionalista

A Comuna Internacionalista

## Caros camaradas,

Após o colapso da União Soviética e a 'esperança no socialismo', o capitalismo foi capaz de apresentar sua ideologia no palco como a única solução para uma vida "livre". A modernidade capitalista criou uma hegemonia sem precedentes com sua ideologia do liberalismo, que se declara como uma teoria natural e um modo de vida ao negar a existência ideológica. A modernidade capitalista se enfurece com a humanidade e tenta encobrir sua crise existencial com novas intervenções na vida das sociedades e criar novas formas de assegurar a existência. Como resultado, o liberalismo e seus efeitos sobre sociedades e indivíduos não são mais visíveis ou difíceis de decifrar. A crise na qual a modernidade capitalista se encontra, com sua característica de autodestruição, está causando cada vez mais problemas no mundo e está corroendo a beleza da vida como um câncer.

Através da propaganda de guerra, a democracia continua a ser desmantelada e o fascismo e o patriarcado se espalham como um vírus pelo mundo. A 3ª Guerra Mundial, que continua desde a intervenção dos Estados imperialistas no Oriente Médio, está culminando em um novo ponto crítico através da propagação física do teatro de guerra para a Europa. Assim, a 3ª Guerra Mundial entra em uma nova fase com a invasão russa da Ucrânia em fevereiro. A guerra, antes invisível para muitos, e sentida apenas pelas sociedades e povos do Oriente Médio, está se tornando uma realidade de vida. A desintegração dos Estados, a destruição da subsistência natural, a destruição da natureza, genocídios e o deslocamento de milhões de pessoas de suas casas e o reassentamento forçado, são todas características da profunda crise do capitalismo.

Todos estes efeitos são o produto da barbárie do capital internacional. Atores como os EUA, Rússia, Alemanha, China e Reino Unido estão lutando pela hegemonia e as posições mais fortes na ordem mundial multipolar, destruindo países inteiros como o Iraque e agora a Ucrânia, e pessoas que dão suas vidas são celebradas como gladiadores para os jogos do capital internacional na arena.

A 3ª Guerra Mundial não é uma guerra de ideologias, os Estados imperialistas seguem a mesma lógica e representam a mesma ideologia. Os Estados Unidos querem empurrar para trás o fortalecimento da Europa e minimizar a influência da Rússia. A Rússia, que luta há anos por mais influência na ordem mundial capitalista, quer um bom lugar na ordem mundial multipolar, mas não tem nada de novo a oferecer.

Enquanto países como a China estão aumentando seu poder econômico global dia após dia. Além disso, o Reino Unido, que permanece bastante discreto, mas depois que Brexit faz novas reivindicações e continua a acumular poder com a velha e familiar estratégia de "dividir para reinar", está de volta à luta pelo poder mundial. Desde a guerra na Ucrânia, há finalmente um inimigo que pode ser novamente culpado. Fala-se de uma terceira guerra mundial e a guerra deve servir para a defesa da liberdade. Os graves problemas da OTAN, as queixas sociais globais, a crise das mudanças climáticas e os conflitos internos tornam-se secundários. Com a guerra na Ucrânia e a guerra psicológica, a OTAN quer limpar seu mau prestígio e superar seus problemas.



## Caros camaradas,

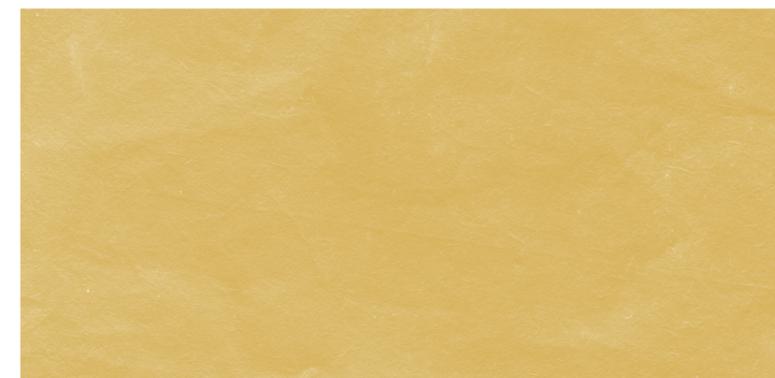
Há 100 anos, com a intervenção da Europa e a ordem Sykes Picot, o Ocidente tentou moldar o Oriente Médio em sua própria imagem. Mas em nenhum dos países do Oriente Médio o conceito da Europa poderia ganhar uma base de apoio. A Turquia deveria desempenhar um papel decisivo para os EUA no "Grande Projeto do Oriente Médio", eliminando o movimento de liberdade curdo e abrindo a porta dos EUA para o Oriente Médio e seus recursos. O Irã, que está passando por uma grande agitação em casa, também está tentando desestabilizar a região de acordo com seus próprios interesses. As convulsões políticas e a resistência no Oriente Médio mostram que as sociedades estão insatisfeitas e em busca de uma alternativa democrática. A Turquia, que foi a chave para os recursos do Oriente Médio, também está lutando para encontrar seus pés.

Após a conspiração interestadual contra a Rêber APO, o papel do AKP é manter as idéias progressistas e socialistas fora da região e erradicá-las. O isolamento total e as condições desumanas da ilha prisional Imrali mostram o medo do imperialismo em relação às idéias e alternativas da Rêber APO para o Oriente Médio. Toda a existência do regime AKP- MHP está limitada à negação dos curdos e à guerra

contra o movimento de liberdade curdo. Enquanto os Estados imperialistas estão ocupados consigo mesmos, Erdogan e seu regime de terror estão usando a oportunidade para intensificar sua guerra contra o movimento de liberdade curdo e para satisfazer seus sonhos neo-Otomanos.

O plano de liquidar o PKK nas montanhas do Curdistão e depois ocupar totalmente as cidades de Rojava e Şengal, foi destruído pela incrível resistência da Guerrilha, apesar do uso diário de armas químicas. A derrota de Ancara nas montanhas do Curdistão influenciou drasticamente a situação em casa. A situação social, política e econômica da sociedade coloca Erdogan sob pressão. Portanto, Erdogan está tentando obter luz verde para uma nova invasão na Rojava e está usando as contradições e conflitos dos Estados imperialistas para alcançar seus objetivos de curto e médio prazo. Enquanto a guerra grassa na Ucrânia, um terror de zangões está se instalando sobre a Rojava. Crianças e famílias são alvos e as aldeias na fronteira são bombardeadas com artilharia. O regime AKP-MHP está tentando deslocar a população através de uma guerra de baixa intensidade e ocupando lentamente as vilas. A guerra da água de Ankara contra a região também conti-

nua e é apenas mais um exemplo de sua guerra psicológica e biológica. No entanto, a influência das ideias da Rêber APO estão ganhando aprovação todos os dias e estão provando sua firmeza e consistência, apesar do embargo, guerra e guerra psicológica.



**“Enquanto os Estados imperialistas estão ocupados consigo mesmos, Erdogan e seu regime de terror estão usando a oportunidade para intensificar sua guerra contra o movimento de liberdade curdo e para satisfazer seus sonhos neo-Otomanos ”**

**“Portanto, Erdogan está tentando obter luz verde para uma nova invasão na Rojava e está usando as contradições e conflitos dos Estados imperialistas para alcançar seus objetivos de curto e médio prazo.”**

## Caros camaradas,

O capitalismo é mantido vivo com o sangue de milhões de pessoas, mulheres e animais. O capitalismo é alimentado com a exploração de países, povos e natureza inteiros. Com diferentes instrumentos e estratégias, a sociedade é manipulada e a humanidade experimenta uma alienação à sua própria realidade. Com armas biológicas de guerra e guerra psicológica, são feitas tentativas de desestabilizar sociedades e criar impotência com medo e terror. O neocolonialismo da modernidade capitalista está tentando com todas as suas forças esmagar a socialidade e desarraigar o indivíduo de sua história. O objetivo da modernidade capitalista é apagar a memória dos povos, estabelecer a cultura da modernidade capitalista globalmente. A nova cultura é chamada de individualismo e é a auto-incarnação surreal do homem e de sua vida. Desta forma, as culturas e os povos estão sendo auto-assimilados passo a passo. A própria língua, cultura e modo de vida são interpretados como retrógrados e errados. Desta forma, as lutas anticoloniais são desintegradas e uma homogeneização das massas é criada. O neocolonialismo da modernidade capitalista deve assegurar a integração voluntária do indivíduo no mundo ocidental. Através da mídia digital, a propaganda dos EUA é trazida para cada cidade, cada vilarejo e cada lar.

Através de programas psicologicamente aperfeiçoados, cada pessoa receptiva é forçada a consumir o mundo surrealista. A propaganda de objetividade e liberdade que nos falam da internet é apenas mais uma mentira do liberalismo. Especialmente os jovens são forçados a fugir para o mundo digital, para o Instagram ou Netflix. O capital internacional tenta fechar a juventude em uma espiral de individualismo e sem sentido através do sexo, esporte e arte. Ao aludir a nossos instintos e emoções primitivas primitivas, e ao sexualizar maciçamente a sociedade, há uma interferência considerável na natureza da sociedade. Muitos grupos e organizações revolucionárias foram infectados pelo vírus do liberalismo e perderam sua orientação na luta revolucionária. A guerra travada pelo imperialismo em todas as esferas da vida deve ser respondida com militância radical. Devemos combater todas as influências em nossos pensamentos, nossas emoções e nossos atos com força revolucionária coletiva.

---

**“O capitalismo é alimentado com a exploração de países, povos e natureza inteiros.”**

---

## Caros camaradas,

Quanto mais o capitalismo tenta forçar as pessoas globalmente a um modelo e sistema social não natural através de novos planos de guerra, mais forte se torna a demanda por um modelo de vida alternativo. Mesmo que a modernidade capitalista pudesse realizar alguns planos no norte da Europa e América, o fracasso dos planos do imperialismo no Oriente Médio deixou claro que as sociedades estão combatendo e levantando a bandeira do socialismo das ruínas do desespero como resposta da humanidade com o papel pioneiro do PKK, defendendo a socialidade e seus valores humanos. As convulsões políticas na América Latina também mostram que a busca por uma vida melhor já começou. Há uma forte resistência social na América do Sul e os

resultados eleitorais na Bolívia e no Chile e as próximas eleições no Brasil e na Colômbia são sinais de que a sociedade está se afastando da modernidade capitalista. As sociedades estão acordando de seu pesadelo e clamando por liberdade.

Em todo o mundo, as mulheres e os jovens estão lutando pelo fim da ordem mundial capitalista. Eles tentam abafar a voz de Rêber APO na ilha de tortura de Imrali, mas suas ideias florescem em todo o mundo. O isolamento físico não pode suportar o amor e a liberdade da revolução. Sua voz é traduzida em todos os idiomas e ouvida por pessoas de todas as partes do mundo. Há um espectro que circula, não apenas na Europa, o espectro do confederalismo democrático mundial

dos povos e das sociedades. A primavera das forças democráticas, a primavera do socialismo está próxima. Os povos lutarão por seu direito à autodeterminação e à democracia e deslocarão as trevas da modernidade capitalista. Os povos não permitirão que os Estados imperialistas joguem seus gananciosos jogos de poder à custa de nosso planeta e das vidas humanas. As mulheres se unirão. Os povos do Oriente Médio e da América Latina darão as mãos. A juventude das metrópoles e das cidades da Europa se tornará o fogo vingador da revolução. Falaremos as línguas dos esquecidos e seremos a cor do invisível. Assombraremos seus países e metrópoles e seremos o mundo novo e livre.

**Todo o poder  
para o povo!  
Juntos rumo  
ao confederalismo  
democrático mundial!**

**¡Bijî Serok  
APO!**



# A beleza e a besta

O que é beleza? É algo visual? Uma sensação? É algo diferente para cada pessoa? A beleza está realmente nos olhos de quem a vê, como diz o ditado?

Nós dizemos não.

Jovens mulheres internacionalistas



A beleza não pode ser avaliada materialmente e não pode ser limitada à individualidade. A beleza é uma percepção baseada na interação; não estamos falando das ideias clássicas de beleza propagadas pelo sistema capitalista.

Não queremos transformar este texto em mais um de muitos textos que desconstruam e criticam os ideais de beleza do sistema capitalista. Pois, a discussão sobre a beleza "verdadeira" ou "natural" sempre girou apenas em torno de aparências claramente definidas. O que é realmente entendido como beleza, a essência da estética, não é questionado. A questão da beleza é frequentemente abordada desta maneira superficial.

Entretanto, não é apenas através de uma imagem distorcida da beleza que o sistema garante que ignoramos sua verdadeira essência. Em meio a toda a fealdade do sistema, a beleza está na verdade se tornando cada vez menos, porque o capitalismo se alimenta da destruição da fonte da beleza.

Onde quer que ele enterre o mundo sob grossas camadas de alcatrão e asfalto, entre o colonialismo e as guerras, ele sufoca a beleza. Ele desorienta as pessoas com seus sinais garridos de néon até que elas fiquem cegas à verdadeira beleza, assim como à fealdade deste mundo. Ela cria personalidades que, no lugar da beleza, estão tão cheias de si mesmas que, dominadas por seu próprio egoísmo, são incapazes de reconhecer a beleza, ou de criá-la.

E ainda assim, podemos perceber a beleza, mesmo que nem sempre compreendamos imediatamente o que estamos encontrando. Por exemplo, mesmo antes de olharmos mais de perto a ideologia do Movimento Apoista pela Liberdade, sentimos uma atração inexplicável só de olharmos as imagens das guerrilhas do PKK. Sem conhecer essas pessoas pessoalmente, sentimos o calor que irradiam, a cooperatividade e uma força interior irreprímível. Eles encarnam uma beleza da qual não se pode fugir. Até hoje, um calafrio quente percorre-nos quando vemos o riso dos guerrilheiros em imagens. O riso destes amigos é uma expressão de beleza. Mas o que é exatamente que torna estas pessoas tão atraentes? Qual é o segredo da verdadeira beleza?

## A beleza está em tudo que é vivo ou que cria vida. Se olharmos para a natureza, vemos beleza onde quer que haja diversidade.



Um prado de flores silvestres é mais belo do que uma monocultura. Para a natureza, diversidade significa vida e homogeneização significa morte. O mesmo se aplica a nossas sociedades. O que define a sociedade é a capacidade de desenvolver valores e princípios juntos e, desta forma, proteger a diversidade. A socialidade, que é criada desta forma, é o que nos torna humanos, é no que a vida e, conseqüentemente, a beleza se expressam.

Portanto, se pensarmos novamente no porquê da beleza ser tão difícil de reconhecer na vida cotidiana, porque a fealdade que percebemos cresce a cada dia que passa, agora sabemos como: É a destruição da socialidade da qual o patriarcado, o colonialismo, o capitalismo e todos os seus excessos de fealdade se alimentam. É a decadência de nossos valores e princípios que está sendo empurrada para manter o sistema vivo.

O liberalismo levou isto ao extremo, com ideais cada vez mais insanos de beleza e o individualismo absoluto, ele propaga um caminho que leva as pessoas ao exato oposto da beleza. Sob a influência deste sistema, toda a concentração cai sobre o indivíduo. Isto cria personalidades feias que tentam criar uma certa aparência externa através do consumo e vivem uma vida "bela" de acordo com os padrões do sistema, sem consideração pelos outros. Mas a beleza não pode ser possuída, ou vivida individualmente. Ela só pode ser criada em conjunto e preservada através do compartilhamento.

A teoria da rosa de Rêber APO explica como a estética está naturalmente ligada à auto-defesa. A forma como as rosas são vistas hoje em dia é simbólica para a concepção errada que prevalece sobre a beleza. Quase ninguém que admira as rosas por sua beleza as percebe em sua plenitude. As flores são vistas separadamente do resto da planta, e o valor é atribuído somente a elas. A flor da rosa se tornou um símbolo do "amor" capitalista e do romance. No entanto, nunca seria possível que a rosa crescesse suas flores - para criar estética e para preservá-las - sem os ramos espinhosos. Sem seus espinhos, ela seria consumida sem proteção, assim como a sociedade no sistema capitalista é consumida por diversas influências. Se a rosa fosse cortada, ela murcharia em pouco tempo. Além disso, se a rosa for separada de suas raízes, a base da qual ela extrai sua estética se perde. A autodefesa e a conexão com as raízes são, portanto, os segredos da beleza natural.

Agora podemos aplicar o símbolo da rosa à sociedade para entender ainda mais profundamente como a verdadeira beleza, ou estética, é criada. Nos tempos da sociedade natural, a mulher era considerada a criadora da vida, a criadora da beleza. Mitos revelam quais valores a sociedade tinha e que a mulher (na forma de deusas-mãe) era considerada sua criadora e protetora. Ela era a força unificadora nas sociedades matricêntricas, ela organizava e mantinha a sociedade ao seu redor, assegurava harmonia e coesão.

### “O que define a sociedade é a capacidade de desenvolver valores e princípios juntos e, desta forma, proteger a diversidade.”

Sem exceção, tudo de belo que a humanidade criou foi criado através de ou para o bem-estar das sociedades. Podemos dizer que a sociabilidade foi e é a base da criação e da defesa da vida. A democracia, a vida livre, foi criada através da socialidade. Mas o sistema tenta se apropriar de todas essas conquistas das sociedades, comercializá-las como suas próprias idéias, esvaziar seu conteúdo e basicamente usá-las contra as sociedades.

Assim, fica claro que tudo que é expressão de valores sociais, e princípios, convicções morais, tornam-se expressão de beleza. Tudo que libera a vida, todos os seres vivos, a natureza e a mentalidade das pessoas, está profundamente ligado à beleza. Viver da maneira correta, viver de acordo com os princípios da liberdade, e especialmente lutar pela liberdade, são as expressões da beleza. O mártir Şehid Beritan já dizia: "Quem luta torna-se livre, quem é livre torna-se belo, quem é belo será amado". Şehid Beritan faz emergir a conexão entre a luta e a beleza. E isto nos faz lembrar novamente as imagens das mulheres e dos homens lutadores nas montanhas do Curdistão. Se nos perguntamos o que os torna tão encantadores, devemos nos perguntar: existe algo mais belo do que a luta pela liberdade? Estes amigos defendem a bela vida, defendem os princípios sobre os quais a vida se baseia. Assim como uma rosa defende sua beleza com seus espinhos.



Devemos seguir seu exemplo, porque - como a rosa - também nós somos cortados em partes, separados de nossas raízes, de nossa história e da sociedade. Crescemos sem conexão com nossas sociedades, seus valores e princípios, ou somos privados deles pedaço a pedaço enquanto vivemos no sistema. Sem autodefesa, estamos indefesos contra a fealdade do sistema. O capitalismo e o patriarcalismo, o liberalismo e o colonialismo se alimentam sem obstáculos através de nossos corpos e personalidades, reduzindo nossa perspectiva aos supostos ideais de "beleza" do sistema.

O problema aqui não é que todos nós lutamos pela beleza, mas a falsa ideia de beleza que o sistema propaga. Uma vez que recomeçamos nossa busca, podemos entender que só conseguimos a beleza lutando contra toda a fealdade deste sistema, contra as personalidades que ele criou em nós.

**Jovens mulheres internacionalistas**

Pois o sistema é como uma besta que mantemos viva apenas sentados e esperando que ele se transforme repentinamente em algo menos feio. Ao fazer isso, ele nos mantém cativos, não importa com que cara ele se apresente. A beleza só pode retornar, só pode ser criada, quando assumimos um papel ativo em seu desenvolvimento. Somente lutando por ela podemos perceber a verdade da beleza.

**Devemos nos perguntar, qual é a nossa reação a toda a fealdade do sistema? Queremos continuar vivendo na escravidão, continuar sendo esmagados pela injustiça neste mundo governado pela guerra, ou queremos uma vida bela para todos?**





**Defender nossa cultura  
é lutar contra o colonialismo**

Cemil Cudi

A forma que o sistema capitalista desenvolveu para expandir e dominar os territórios e seus povos foi através do colonialismo, que em grandes proporções e formas se torna imperialismo. Esta forma de controle é antiga, remontando aos primeiros grandes impérios da civilização. Os impérios sumério, Babilônico, Persa, Macedônio, Romano, assim como a expansão de impérios no Oriente, como o famoso império Mongol sob Genghis Khan ou o Império Qing na China, também são exemplos onde a prática de conquistar territórios foi crucial para a expansão de suas forças e controle.

Uma vez conquistado um território, ele teve que ser ocupado por diferentes nações, povos e culturas, e teve que se conformar aos princípios impostos pela ordem dominante e aos caprichos do império. Isto aconteceu de muitas maneiras diferentes, de acordo com a localização do território, sua história e seu povo.

Às vezes era imposta militarmente, com a execução de líderes locais, suas famílias e a repressão de qualquer forma de protesto ou descontentamento. Às vezes era através da assimilação política, onde o império dominava as instituições e as formas de organização política, tendo em seu controle pessoas diretamente relacionadas com a ordem dominante ou pelo menos aceitando-a. E havia a forma em que se tratava de uma assimilação completa dessas pessoas, onde eram proibidas de se expressar culturalmente de acordo com suas tradições, proibidas de falar suas línguas originais, onde era necessário participar da educação proporcionada pelo império, e à medida que o tempo passava para ser visto como cidadão, mas, sempre marginalizado, tratado como terceira classe, e socialmente ignorado. Independentemente da forma, o fato é que o processo colonizador busca sempre alienar as pessoas de suas origens e características, a fim de obter um controle mais profundo sobre o território.

Naturalmente, isto também depende do propósito para o qual o território foi ocupado. Se era uma ocupação que visava extrair recursos naturais para desenvolver suas economias, a prática mais comum adotada pelas forças imperialistas era escravizar a população e esgotar rapidamente seus recursos. Em quase todos os casos, esta forma de colonização e opressão terminou em uma revolta dos povos oprimidos que lutavam por sua libertação, mas saíram como consequência de nações destruídas ecológica, econômica e politicamente

---

**“Uma vez conquistado um território, ele teve que ser ocupado por diferentes nações, povos e culturas, e teve que se conformar aos princípios impostos pela ordem dominante e aos caprichos do império.”**

---

## O processo de colonialismo tem memórias profundas e amargas para todos os povos que foram submetidos a este processo.

Especialmente no período da modernidade, o sistema capitalista instrumentalizou o colonialismo como sua principal forma de expansão e controle sobre o mundo, papel especialmente desempenhado pelas nações européias que se espalharam pelos quatro cantos do mundo, espalhando seu modo de vida como o correto e “domesticando os selvagens” encontrados ao longo do caminho (como eles mesmos disseram em seus relatos do período). Sob a bandeira da libertação das almas dos hereges, nações inteiras foram conquistadas, ocupadas e exploradas em escalas nunca antes vistas pela humanidade. Foi um momento de mudança no paradigma da evolução da espécie humana, que plantou suas raízes e deixou marcas profundas presentes em nossas sociedades de hoje. Em particular, após o período da revolução liberal e sua mentalidade se estabelecendo como base do novo sistema que estava sendo formado, as práticas colonialistas que ainda estavam presentes neste período começaram a ter mais profundidade, em nível interpessoal e individual. A maneira liberal de se relacionar na

sociedade e de ver outros povos e nações ao redor do mundo deu origem ao eurocentrismo e à eugenia do homem branco como detentor da verdade, do poder da vida e da morte. Foi durante este período, impulsionado pelo mercantilismo e seguido pela revolução industrial, que estas nações foram capazes de controlar mais da metade do mundo de acordo com seus desejos e vontades.

---

**“A maneira liberal de se relacionar na sociedade e de ver outros povos e nações ao redor do mundo deu origem ao eurocentrismo e à eugenia do homem branco como detentor da verdade”**

---

No entanto, não tinha sido uma ocupação passiva. Em praticamente, se não todos os territórios ocupados, os povos destas nações já existentes, e suas práticas culturais e históricas, se rebelaram contra as forças coloniais em vários pontos da história. Desde as primeiras revoltas de escravos em meados do século 16 até as revoluções dos movimentos de libertação nacional do século 20.

Ambos tinham as mesmas raízes, um desejo de liberdade e a possibilidade de poder viver sob sua própria compreensão da sociedade, de sua própria cultura e de sua própria língua. Com o “fim” do colonialismo (pelo menos o mesmo número de pessoas o compreende) e a formação de centenas de novos estados-nação (estes criados e divididos pelas nações que os dominavam e oprimiam) vários conflitos internos eclodiram ao redor do mundo devido a diferenças culturais, sociais e econômicas ignoradas pelas nações que traçaram as fronteiras destes novos estados. Uma das maiores consequências deste período amargo da história humana foi esta. Cabe a nós analisar como isto não foi um “erro” das nações dominantes, mas sim um sistema conscientemente desenvolvido de distribuição desigual. Estas nações imperialistas geram problemas nestes Estados-nação relativamente recém-formados para que possam então se apresentar como uma força mediadora para resolver seus conflitos, cujo resultado é a prática da neocolonização.

**“Vários conflitos internos eclodiram ao redor do mundo devido a diferenças culturais, sociais e econômicas ignoradas pelas nações que traçaram as fronteiras destes novos estados.”**



Além disso, uma vez que o sistema capitalista se estabeleceu como a ordem dominante no mundo, especialmente após o fim da URSS em 1991 e a declaração do "fim da história", a mentalidade subjacente a este sistema se espalhou como um vírus por todo o mundo. O liberalismo e o neoliberalismo tornaram-se obrigatórios e presentes em todas as sociedades globais forçadas a se integrar no mercado financeiro, uma necessidade imposta por este sistema.

Com isso, várias culturas e formas de organização social foram suprimidas, inculcaram nelas a mentalidade dominante do sistema, que se baseia em uma cultura eugenista europeia. Com isso, o sistema começou a moldar outras sociedades com base no princípio orientador de que o modelo liberal e capitalista é o modelo correto para todas as sociedades do mundo, ignorando suas características culturais, locais e históricas. Por exemplo, no contexto da modernidade capitalista, países como os Emirados Árabes Unidos, Dubai e Israel

ecoam a mentalidade capitalista hierárquica e patriarcal do sistema no Oriente Médio, assim como a Coreia do Sul na Ásia e a Austrália na Oceania. É claro que esses países afirmam ter adotado o sistema econômico mantendo suas características culturais, e isso pode ser verdade em níveis superficiais e na aparência, mas a própria cultura capitalista é antagônica à cultura autêntica desses povos; estes estão enraizados na comunidade, horizontalidade e práticas democráticas.

Defender a cultura é defender sua história, suas raízes, sua ancestralidade, que estão constantemente sob ataque da modernidade capitalista que busca criar uma massa homogênea de consumidores que englobe todas as culturas e povos do mundo. Não importa se você nasceu e foi criado no centro do capitalismo europeu ou em uma tribo histórica de uma aldeia africana, você tem que consumir. Neste sentido, defender suas tradições, rituais, práticas culturais e costumes é também lutar contra a modernidade capitalista. Isto significa analisar coerentemente quais características estão alinhadas com a modernidade democrática e quais são práticas tradicionais que não estão, tais como códigos de honra tribal e casamentos forçados. A maneira como podemos encontrar o caminho certo para resistir ao processo de assimilação e liberalização de nossas sociedades e povos é precisamente conhecendo nossas origens, nossa história e nossa cultura.

É criando e vivendo sob um sistema descolonial que leva em conta todo o processo histórico que tem suprimido essas culturas e suas histórias.

Há exemplos importantes em todo o mundo de como é importante defender suas raízes histórico-culturais para se defender contra os ataques da modernidade capitalista e do liberalismo. Um dos exemplos mais claros é a defesa do povo curdo em sua luta pela liberdade e existência.

Sob o paradigma Rêber APO, a compreensão da necessidade de conhecer sua própria história e cultura antes de desenvolver um movimento revolucionário tinha sido crucial para o desenvolvimento e o sucesso do movimento de libertação revolucionário curdo.

**“Defender suas tradições, rituais, práticas culturais e costumes é também lutar contra a modernidade capitalista.”**



Minha própria identidade ligada à minha pátria sempre foi pouco clara, constantemente definida através de negações - o que eu não sou, ao invés do que sou. Crescer nos anos 90, logo após a formação do Estado nacional esloveno e em transição de um modelo socialista para um capitalista, influenciou meu sentimento de estar em algum lugar no meio, mas de alguma forma não pertencendo a lugar algum. Este estado de entrelaçamento, que não faz parte de uma ou outra identidade, tem estado muito presente em meu país de origem. É o resultado de rotular cada identidade como completamente separada e incompatível com outras, ao criar uma alteridade<sup>1</sup>. A identidade criada desta forma é colocada em uma determinada categoria que define de forma restrita o que está incluído nela e o que não está. Como consequência, as pessoas são colocadas em espaços apertados aos quais certas características são atribuídas.

Entender como este processo foi imposto a nós (e mais tarde imposto por nós) é como eu comecei o caminho de volta ao meu verdadeiro eu. Meu verdadeiro eu, que não é definido pelas forças externas impondo suas imagens de realidade desconhecidas para eles em mim. Também não definido por minha sociedade que seguiu cegamente estas categorias e significados atribuídos a elas, degradando-se como resultado. Significa encontrar o que a identidade significa para mim, que não se baseia na auto-negação e subordinação voluntária; ou em perceber pessoas que são vistas como não pertencentes à sua identidade como algo menos e você mesmo acima delas.

## Entre Identidades

Zozan Çekdar

O território do que é hoje a Eslovênia tem sido constantemente governado por grandes impérios, em sua maioria germânicos. Ao longo da história, os eslovenos nunca foram os que tinham o poder político no território em que viviam. No início do século 20, o Reino da Iugoslávia foi formado onde os eslovenos formaram uma unidade política com outras nações eslavas do sul. Houve diferentes razões que os levaram a isso, sendo uma delas a necessidade de unir poderes para se defender e fazer frente aos impérios que tentavam ocupá-los. Outra razão era a compreensão das semelhanças e conexões com as nações eslavas do sul e a percepção disso como o caminho para nos aproximar de nossas raízes. Nos anos 80, as idéias de separação da Eslovênia da antiga Iugoslávia e o estabelecimento de seu próprio Estado-nação tornaram-se mais amplamente difundidas. Com isso, foram criadas certas narrativas sobre identidades que continuaram até hoje.

Os Bálcãs foram construídos como o "outro" para a Europa Ocidental desde o início do século 20. A idéia dos Bálcãs foi usada pelos europeus para se definirem através da formulação do que são e do que não são os Bálcãs. Isto era ainda mais visível quando os Bálcãs foram usados como base para os Estados da União Européia criarem uma identidade comum, decidindo uma identidade européia através da criação de uma imagem do outro, aquela que não é e não deve ser confundida como tal. Os Bálcãs representavam o primitivo, o retrógrado e o selvagem. Através desta imagem, estes Estados da UE estabeleceram a ideia de si mesmos como modernos, avançados, desenvolvidos, iluminados; supostos respeitadores dos direitos humanos.



Outra imagem dos Bálcãs tem sido como um lugar misterioso e selvagem. A partir dos anos 90, o termo ex-Iugoslávia tornou-se mais raro e substituído pelo termo Balkan, que tem uma conotação negativa mais forte a partir de seu uso no passado e como um continuum disso, também no presente.

**“Os Bálcãs representavam o primitivo, o retrógrado e o selvagem. Através desta imagem, estes Estados da UE estabeleceram a ideia de si mesmos como modernos, avançados, desenvolvidos, iluminados; supostos respeitadores dos direitos humanos.”**

<sup>1</sup> A alteridade é o processo de atribuir certas características a um grupo de pessoas, categorizando-as e apresentando-as como fundamentais diferentes (deshumanizantes).

WHAT TYPE OF A DEMOCRACY IS THIS?

## “O apagamento administrativo de 25.671 pessoas que viviam na Eslovênia”

A Eslovênia assumiu um papel importante ao participar deste discurso, especialmente depois de sua independência. Ela construiu os Balcãs e a Europa como totalmente exclusivos, um não pode ser ambos ao mesmo tempo, pois pertencer a uma identidade nega automaticamente a outra. O caminho da Eslovênia como um Estado-nação recém-formado foi apresentado como uma jornada metafísica que tem duas direções possíveis - uma é a Europa e a outra é os Balcãs. Sendo a Europa o destino desejado. Através disto, a Eslovênia se colocou num lugar no meio, argumentando ao mesmo tempo que a viagem já foi alcançada de uma forma ideológica, cultural - "somos a Europa Central, e só resta uma questão de tempo para que o resto dos europeus perceba isto". De repente, os impérios que governaram os eslovenos e a germanização através da história foram usados como mais uma prova de nossa europeísmo. A germanização que costumava ser apresentada como uma ameaça à nação eslovena e as narrativas desumanizantes e violentas dos impérios, foram então apagadas da narrativa comum e transformadas em algo positivo - fazer parte dos impérios europeus nos diferencia dos Balcãs e nos dá o direito de pertencer à Europa, como sempre fizemos.

A idéia de a Eslovênia se tornar uma segunda Suíça estava muito presente a partir dos anos 90 e, embora tenha

sido abandonada, ainda se pensa em nostalgia - quais eram nossos potenciais e como nos impedimos de alcançá-los (através da corrupção, falência etc.). Alternando entre sentimentos de superioridade em relação a certas nações e, ao mesmo tempo, mantendo a narrativa de ser uma nação de servidores, a autodegradação frequentemente envolvida na adoração da Europa Ocidental, com seu estilo de vida "moderno", está muito presente nisto.

Estas narrativas foram implementadas na vida cotidiana através de discriminação sistemática direta em relação a pessoas de outras repúblicas da antiga Iugoslávia que viviam na Eslovênia, algumas recém-chegadas e outras que lá viviam há décadas. O apagamento administrativo de 25.671 pessoas que viviam na Eslovênia, deixando-as sem qualquer status legal, bem como o fechamento das fronteiras aos refugiados da guerra na antiga Iugoslávia, que faziam parte do mesmo país há apenas alguns anos, são exemplos das manifestações mais brutais de quão prejudiciais e violentas são estas narrativas.

Por um lado, isto rompeu ainda mais as conexões com as idéias de irmandade e irmandade existentes na Iugoslávia. Por outro lado, ironicamente nos aproximou da Europa com a implementação da prática, típica da Europa Ocidental, que se apresenta no exterior como moderna e demo-

crática, mas atrás de portas fechadas cometendo crimes horrendos que são negados e justificados ao mesmo tempo.

Enquanto crescia, muitas vezes eu via uma mudança entre exclusão e inclusão em meu ambiente, e uma mudança de identidade baseada nela. Por exemplo, os comentários que meu pai fazia enquanto assistia futebol na TV. Se os jogadores de futebol eslovenos com raízes em outras repúblicas da antiga Iugoslávia, em um certo momento jogaram bem, eles eram "nossos", se não, eram "čefurji1", que deveriam retornar aos seus países. Esta troca aconteceu no espaço de tempo dos momentos, para frente e para trás. Ela mostra claramente que a linha imaginada entre nós e eles, que é eslovena e o que significa esta identidade, não é tão claramente recortada como apresentada nas narrativas comuns.

**“Construí o muro entre mim e minha sociedade e cultura, permitindo que outros definissem quem eu sou e como eu me entendo.”**

Há uma certa pena em relação aos eslovenos de outras nações da antiga Iugoslávia. Vem de nós nos esforçando tanto para agradar e provar a nós mesmos, para obter confirmação do que percebemos como Europa, mesmo pelo preço da auto-negação e humilhação. Distanciando-nos do que é visto como balcânico e colocando a ele características degradantes, há muitos sentimentos de superioridade.

Rejeitei a ideia do que significa desenvolvido e civilizado de uma forma que é apresentada a partir da Europa. Através desta rejeição, aproximei-me das outras culturas da antiga Iugoslávia e achei mais fácil me identificar com elas. Isto moldou meu entendimento do que significa ser esloveno, vendo-o como algo negativo ao qual não posso me conectar, algo a ser negado. Construí o muro entre mim e minha sociedade e cultura, permitindo que outros definissem quem eu sou e como eu me entendo. Sem perceber, abracei a imagem negativa de não ser suficiente, de ser algo menos, que precisava ser confirmado através de lentes europeias. Pensei que estava rejeitando a ideia de europeísmo, mas ainda olhava para os Balcãs através das mesmas lentes, apenas de alguma forma romantizando e glorificando atributos negativos impostos a ela. Fiquei nas caixas de categorias que nos foram atribuídas, apenas mudando-as de lugar, mas não pensando fora desta determinada estrutura. Estar na Rojava me aproximou mais das minhas raízes, do que jamais senti, através da aprendizagem de novas maneiras de entender o que significa amar sua sociedade e sua terra. Formas que não se baseiam em nacionalismo, exclusão e sentimentos de superioridade. Amar a sua terra significa amar todas as pessoas, grupos e culturas que nela vivem.

Todas essas realizações trazem em mim mais perguntas do que respostas: Como entender minhas identidades, não baseadas em uma identidade exclusiva e olhadas através das lentes da Europa Ocidental? Como criar meus próprios significados de pertencer e perceber minha identidade, com base em minha própria realidade, experiências de vida e compreensão da história e do presente com suas transições? Como posso encontrar conexões de volta às minhas raízes? O que significam para mim os Balcãs, como me conecto com eles e suas diversas culturas? Como penso nos Balcãs sem ser influenciado por todo esse discurso que tenho escutado durante toda a minha vida? Onde eu vejo a Eslovênia e minha identidade eslovena em tudo isso?



Para responder a estas perguntas, tenho que começar com a análise e compreensão da história até o presente. Preciso aprender a pensar fora da estrutura que me foi dada. Preciso me conectar mais profundamente com as pessoas de meu país e minha região; não procurar uma lista de semelhanças que provem meu lugar, ou uma lista de diferenças que me façam duvidar disso, mas sentir a conexão sem necessidade de justificá-la em fatos "objetivos" externos. Deixar-me fazer parte de múltiplas identidades ao mesmo tempo, uma não excluindo ou minimizando a outra, uma não sendo superior à outra. Ver o potencial revolucionário em minha região a partir da história da opressão e da resistência, encontrando maneiras de se conectar sobre as fronteiras do estado desenhado. Começar a entender minha identidade como resistência ao imperialismo europeu ditando o que é cultural, o que é moderno e avançado e o que significa desenvolvimento. Segurar e aprofundar as abordagens comunitárias que resistem ao individualismo.

Estou recriando minha identidade com enraizá-la na sociedade e na região, baseando-a em sentimentos de pertença, conexões, amizade e consciência da luta comum e no amor. O amor não é algo que tenhamos quantidades limitadas; amar algo ou alguém, não significa que não haja amor suficiente por outro. Podemos amar as pessoas, a terra e a natureza, a riqueza e as diversidades das culturas. O amor não se detém nas fronteiras do estado, não exclui e vê alguém como melhor do que outro.

Significa encontrar um estranho na Sérvia que, ao dizer-lhe de onde eu venho, responde com ele: "Pa ti si naša" - "Você é nosso". Isto mostra que há algo maior do que todos os discursos nacionalistas e auto-degradáveis que tentam nos separar e nos manter fixos dentro das fronteiras desenhadas do Estado. Há algo que vai mais profundo do que isto. Vendo isto como um ato de resistência, não num quadro de exclusão de outros, mas através do reconhecimento de pertencimento e oposição direta às relações de poder imperialistas, aos nacionalismos locais, às fronteiras estatais e às divisões. A construção de um mundo onde nos esforçamos para "ser todos nossos" tem que começar em algum lugar. Há uma alternativa possível, fora do sistema capitalista de divisão e relações hegemônicas. Só depende de nós construí-la. Os Balcãs podem e acredito que desempenharão um papel importante nisto a partir de seu forte potencial revolucionário, a possibilidade de aprender juntos para fortalecer as relações que temos, de recriar a ideia de irmandade e irmandade que atravessa as fronteiras dos estados, e de ver nossas diferenças como uma força e beleza que nos enriquece a todos. No final, não escolho nem os Balcãs nem a Europa, pois nenhum deles realmente existe na forma como são apresentados. Ao invés disso, escolho construir entendimentos fora da estrutura que me foi dada. Escolho a identidade com base em minha realidade e na realidade das pessoas que me rodeiam.

**Eu escolho conexões, pessoas e resistência!**

**Fdo. Çekdar Zozan**

# Eu aprendi a rir nas montanhas, sabe

Ş. Halil Dağ



## Uma breve introdução

Linguagem. Linguagem é a expressão da nossa cultura em comum, nossos pensamentos, e nossos sentimentos. Quando pensamentos se tornam palavras e deixam nosso corpo, nós damos início a mudanças. A ordem das palavras, a melodia e as emoções escondidas nelas são códigos secretos que nos contam a história das pessoas. Linguagens são chaves para a nossa história, a história das pessoas. Cada linguagem tem uma cultura, uma história, um passado que é de algum modo difícil de traduzir. Com cada palavra falada, nós nos movemos para mais perto do passado dessas culturas, entendemos nosso presente e superamos limites entre espaço e tempo. Nós podemos sentir e saborear, ver o mundo por outros olhos. Linguagens abrem portas para novas culturas, algumas vezes estranhas para nós. Com cada linguagem falada aprendida, nós ganhamos beleza. A beleza das culturas decora nossas almas e abre nossos corações. Cada palavra é uma pequena parte da verdade da história humana. Cada palavra é uma peça do mapa do tesouro que guarda o caminho para o passado.

Palavras são sagradas, como eles dizem no Curdistão. Através da fala, podemos ler as pessoas, o que permite comunicação interpessoal e conexão, e acessarmos os pensamentos uns dos outros, sentimentos, e momentos. Através da escrita, nós podemos capturar e compartilhar momentos. Nós partilhamos o que sentimos, o que pensamos, e o que vivemos. Nossos anseios, nossos sonhos, nossos medos, nosso prazer e amor. Quando nós lemos, nós caímos em um mundo novo, um mundo que as vezes não é nosso, que nos é estranho. Contudo, ele nos apresenta novas cores. Por vezes por escapismo, por vezes por curiosidade, e as vezes por pesquisa, nós somos postos em união com outras pessoas. Através do encontro direto com o outro, é possível então que vejamos a nós mesmos através do nosso reflexo. Com diversidade e heterogeniedade, é possível definir a nós mesmos. Esse é o espelho da vida. Através da diversidade, nós podemos expressar a nós mesmos. Através da diversidade, nós podemos ganhar possibilidades infinitas de vida. É a mais alta arte da humanidade, se comunicar interculturalmente e abrir a nós mesmos, para entender, e conquistar os nossos limites.

Şehîd Halil Dağ é a expressão dessa realidade. Em seu livro "Benî bağışlayın" ele descreve lindamente as emoções, os pensamentos, de um desbravador. Um desbravador, um desconhecido que encontra a beleza da vida, na sua busca pela vida verdadeira nas montanhas do Curdistão. As montanhas, os amigos e a vida, o ensinam a compreender uma noiva linguagem e a se unir a ela.. Heval Halil Dağ é um dos primeiros amigos, que através de seus filmes e livros, narraram para o mundo a beleza da resistência e o amor dos guerrilheiros pela liberdade. Se nós queremos entender as montanhas, nós precisamos compreender sua linguagem. Abrir nós mesmos para um novo mundo. Heval Halil Dağ é uma ponta para esse novo mundo. Ele não é apenas um artista que revoluciona a arte e cultura, ele é um amigo, um camarada, que com humildade, auto crítica, e amor, se torna o personagem principal dessa história. Heval Halil Dağ nos ensina uma coisa, em especial: a história que nós contamos não precisa de objetividade. Pelo contrário, a história que nós contamos não deve falar a linguagem de outros, mas a linguagem dos seus protagonistas.

## Sabe, eu aprendi a rir nas montanhas...

Sabe, eu aprendi a rir nas montanhas... Antes de vir para as montanhas, para essa floresta, eu não conseguia rir. Mas, aqui com os meus amigos, posso ser feliz, posso rir e ser livre. Sabe, eu aprendi a rir nas montanhas... E naquela Floresta lotada, dois jovens chamam a minha atenção.

Eu não os vejo, eu os ouço. Agora, o verde é um verde verdadeiro e o azul é um azul verdadeiro. E cada canto da floresta é um local perfeito para os guerrilheiros. Mas, é difícil encontrar água, os enormes carvalhos deixam pouca água para os jovens curdos. Então, com certeza, em algum canto onde ninguém vai, alguma pequena fonte dará vida a esses jovens guerrilheiros... Vagueio por toda a floresta em busca de água e vida.

E eu os ouço. De algum lugar partem as suas vozes, que ecoam pela floresta. Eu sei que as árvores não ecoam dessa maneira. Eu não consigo identificar de onde essas vozes partem. Eu apenas ouço os sorrisos que habitam por trás delas. Foi um erro partir no calor do meio-dia, mas o riso na floresta me impulsiona. O ar me deixa tonto, e a luz machuca os meus olhos. O verde gradualmente se torna um verde mais intenso. Eu sei, as árvores próximas da água deveriam possuir um tom de verde mais escuro, mas todos os verdes estão misturados agora. Foi um erro partir no calor do meio-dia, mas o riso na floresta me impulsiona. Essa risada que desvanece entre o ruído dos esquilos e o pio dos pássaros é a minha melhor guia. Através das densas árvores, eu tento ir atrás dos sorrisos, mas a floresta está rindo de mim. Eu sei que, em breve, conhecerei jovens que estão em harmonia com a floresta e que farão as suas risadas ressoarem por ela. Então, penso: "por que eles riem?"  
O que diverte essas crianças? O que há neste lugar que trás tanta alegria para elas?

Eu estou ciente de que estou ficando desesperado. O calor extremo, a sede insuportável e os mosquitos ao meu redor são insuportáveis. Mas, o riso na floresta me impulsiona e, de alguma forma, me emociona com a sua alegria. Eu parei e ri comigo mesmo. Aonde escondidas essas crianças felizes? Não é hora de fotografia, mas não consigo deixar de retratar, de alguma maneira, os donos desses sorrisos, esses pequenos jovens felizes. Faço uma pequena pausa, preparo a minha câmera e depois volto ao que estava fazendo. E então eu os vejo. Os donos daqueles sorrisos estão entre as árvores. Eles ainda não perceberam a minha presença. Eles não sabem que estou com sede. Mas, eu conheço os dois... Um se chama Serhat, o outro é Kawa... Um tem vinte e três anos, enquanto o outro tem vinte e quatro... Um deles nasceu nas aldeias de Adiyaman e o outro em Qamishlo. Um deixou as ruas de Istambul, o outro os quarteirões de Aleppo... Um falou turco ao longo de sua vida, o outro falou árabe... Agora os dois estão rindo em curdo neste topo de montanha, nesta floresta, no meio desta guerra cruel...

Eu costumava acreditar que cada fotografia possui uma história. Aprendi nestas montanhas que algumas histórias também criam fotografias. Antes de um copo de água, é preferível capturar este momento. O riso desses jovens faz com que eu me esqueça da sede. Suas vozes sorridentes ecoam por essa exuberante floresta. Milhares de soldados estão agrupados em torno deles, enquanto os antigos impérios do Oriente Médio realizam o comércio nas terras abaixo deles, enquanto os estados expansionistas traçam seus planos contra eles. Quem se importa... Eles estão rindo pela satisfação em seus corações...

Equilibro a luz para não irritar os meus olhos e pressionoo o botão do obturador. Por anos, fiquei nas montanhas apenas por momentos como esses. Eu lentamente me aproximo deles.

Assim que eles me notam, eles se calam. Meu coração implora a eles "Não fiquem calados, riem o quanto quiserem", mas os meus gritos silenciosos ficam sem resposta. Eu sei, o sorriso que eles têm entre os lábios é um pássaro pronto para voar a qualquer momento. Se eu apenas os tocasse, eles ririam juntos novamente.

Vendo a minha sede, Kawa corre para pegar água. Sento-me ao lado de Serhat. Não tenho o que dizer. Seus olhos estão brilhando, eles ainda estão sorrindo. Eu quero saber o que fez essas crianças rirem, mas não vou perguntar. Eu vi como eles riram, isso é o suficiente para mim. Kawa vem com um grande pote na mão. Enquanto estou bebendo água, Serhat fala como se tivesse lido todos os meus pensamentos.

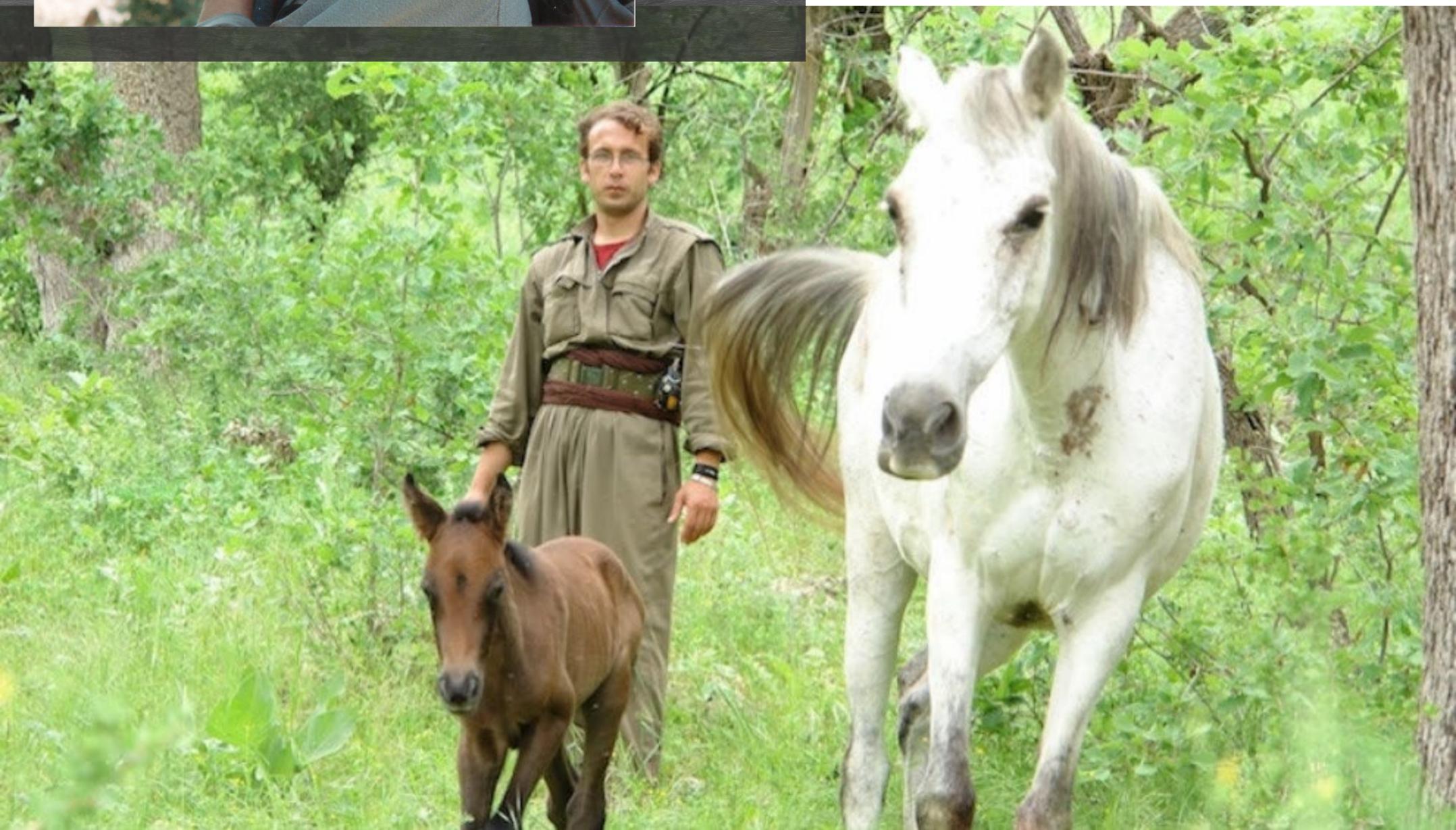
**Sabe, eu aprendi a rir nas montanhas... Antes de vir para as montanhas, para essa floresta, eu não conseguia rir. Mas, aqui com os meus amigos, posso ser feliz, posso rir e ser livre. Sabe, eu aprendi a rir nas montanhas...**

As últimas palavras de Serhat, este pequeno sábio, ficaram marcadas na minha cabeça. Como um arpão, prendendo-me ao início deste artigo.

É a causa da minha insônia na floresta, é o que me faz pensar a noite toda. Eu não me importo com o que eles estão rindo. Mas não vou perguntar. Eu vi como eles riram, isso é o suficiente para mim. Kawa chega com um grande tambor na mão. Enquanto estou bebendo água, Serhat fala como se tivesse lido todos os meus pensamentos. Sabe, antes de vir para as montanhas, eu não ria tanto, eu não conseguia rir. No entanto, entre meus amigos, posso ser feliz nesta floresta, posso rir com a paz no espírito.



**Mártir Halil Dağ / Perdoe-me**





“O poder tentou aniquilar  
nossa maneira de pensar,  
de entender o mundo e  
de praticar a vida.”

# Enfrentando a contradição nacional de Euskal Herria

Rizgar Etxebarrieta

A história da civilização é, ao mesmo tempo, a história de milhões de comunidades que foram aniquiladas, exploradas ou assimiladas. Sob os fundamentos da modernidade capitalista estão os remanescentes de diferentes culturas, línguas, nações e identidades que foram violentamente colonizados e submetidos ao poder da classe dominante. A seiva da vida tem sido usurpada pelos guardiões da exploração e da escravidão, cujo alimento é o sangue dos povos oprimidos. Meu povo, Euskal Herria, é um daqueles que, desde o desenvolvimento da civilização até a consolidação da modernidade capitalista, teve que enfrentar a violência colonial e que, ainda hoje, é capaz de resistir. Mas não podemos esconder ou evitar que, como território do centro imperialista, nosso povo extraia benefícios dos países colonizados do sul global. Precisamente, diferentes figuras de nossas terras participaram, em colaboração com o Império Espanhol, da pilhagem das comunidades indígenas da América Latina, beneficiando-se desta expropriação. Hoje, a expressão desta identidade colonial se encontra na burguesia nacional, cuja riqueza é extraída da exploração nativa e estrangeira. Como pode uma colônia ser ao mesmo tempo colonizadora? Isto nos coloca em uma grande contradição que devemos superar, pois não podemos falar de libertação nacional enquanto continuarmos a explorar nossos iguais. A libertação de nosso povo não pode vir sem a libertação de todos os povos oprimidos e a abolição de toda a opressão de classe, raça ou gênero.

A colonização, como um processo de exploração e assimilação, começa com a dominação sobre a mulher. Com o desenvolvimento da propriedade privada, o controle sobre a reprodução e, portanto, sobre o corpo das mulheres, tornou-se indispensável. Assim, da família emerge uma nova estrutura social, sustentada por relações sociais de dominação e exploração. A família não é apenas uma pequena representação do Estado, mas também sua própria origem. Esta pequena estrutura de dominação foi reproduzida em escala social e gradualmente espalhada e consolidada por diferentes territórios e comunidades através de conquistas e assimilação violenta. Já há mais de 5.000 anos nossos corações, mentes e corpos têm sido acorrentados pelas diversas formas de poder e todos os aspectos de nossa vida social subordinados ao processo de assimilação e colonização. Há, portanto, muitas comunidades no centro imperialista que foram colonizadas antes da chegada dos impérios às terras da América. É aqui que se encontra Euskal Herria, na resistência à expansão e dominação de diferentes civilizações. Após séculos de luta, sobrevivemos à nossa completa desintegração, mas as cores vivas de nossa cultura e modo de vida se tornaram menos claras com o passar do tempo.

O poder tentou aniquilar nossa maneira de pensar, de entender o mundo e de praticar a vida. As primeiras diferentes civilizações plantaram suas sementes em nossas terras. Embora eles não nos dominassem, existiam certos tipos de relações, por exemplo, o comércio. O comércio começou a se desenvolver em maior escala e com ele uma superprodução de bens que não respondiam às necessidades diretas da comunidade. Assim, com o tempo, diferentes expressões de violência começaram a cruzar nossa comunidade. O império espanhol chegou e com ele vieram as guerras e os fueros (as velhas leis). Milhares de vidas foram ceifadas e muito sangue foi derramado em nome do império espanhol. Por outro lado, a Igreja Católica e o sistema estatal, ainda mais consolidado no Reino da Espanha, começaram a exercer mais influência sobre o nosso povo. Assim, não apenas nossas crenças começaram a mudar, mas também um certo tipo de conservadorismo começou a se espalhar. A industrialização e com ela o desenvolvimento da cidade e da metrópole. Os Baserris (casas rurais, tradução literal, aldeias florestais) foram esvaziados e os baserritarras (os responsáveis pela casa rural) foram forçados a deixar suas terras e se mudarem para as fábricas. Isto significou o desenvolvimento de uma classe colocada sob o domínio do capital e de uma relação completamente alienada com o trabalho. Naturalmente, todas aquelas comunidades que trabalharam comunitariamente e se organizaram através de assembléias populares, sem a necessidade de um Estado para mediar nossas relações, foram drasticamente reduzidas. Por outro lado, a ditadura de Franco proibiu nossa língua e negou nossa identidade, através da repressão cruel e da violência desumana, mergulhando nosso povo em uma Era de escuridão. Finalmente, o desenvolvimento atual da modernidade capitalista está se infiltrando por todos os poros de nosso corpo. A violência colonial é, portanto, não apenas uma dinâmica de poder que se expressa através do domínio do capital, ou seja, através da subordinação econômica e política de uma nação sobre outra, mas também, e especialmente, sobre nossos corpos e pensamentos. O que é perigoso é quando esta violência permanece escondida nas sombras e nós somos incapazes de reagir à ela.



Deixando de lado as complexidades envolvidas em qualquer mudança social, vemos como uma forma de interagir com nosso ambiente, nossa história e nossa cultura está sendo tirada. Sem ignorar as contradições que podem existir e sem cair em uma idealização romântica do passado, aquela cultura que abraçou a economia natural, as terras comunitárias, as lógicas coletivas de relacionamento entre si ou as estruturas democrático-comunais (conselhos, assembléias) está desaparecendo. Sem mencionar a língua basca, uma das línguas mais antigas do mundo, que está cada vez mais institucionalizada e influenciada por novas relações sociais. Se não fossem todas aquelas organizações populares que continuam tentando manter parte desta cultura e brilhar como um raio de luz sobre as sombras que nos cercam, palavras como auzolan deixariam de ter qualquer valor.

**“ Os Baserris (Casas rurais)<sup>1</sup> foram esvaziados e os baserritarras (os responsáveis pela casa rural) foram forçados a deixar suas terras e se mudarem para as fábricas. Isto significou o desenvolvimento de uma classe colocada sob o domínio do capital e de uma relação completamente alienada com o trabalho.”**

<sup>1</sup> Tradução literal, aldeias florestais



Há mais de 50 anos, foi a violência infligida a nosso povo e a violência com que nosso povo respondeu que abalou nossa consciência e fez emergir das cinzas do esquecimento a memória de uma cultura e de uma língua únicas. Artistas, intelectuais e trabalhadores começaram a reivindicar nossa história, enquanto os militantes clamavam por luta. A determinação daqueles que enfrentaram o inimigo até as últimas consequências nos mostrou que não devemos sucumbir silenciosamente ao domínio do Estado e à nossa lenta assimilação. Mas o processo de "paz" e o controle que a burguesia nacional tomou sobre o movimento de libertação extinguiu o fogo que clamava pela vitória. Devemos recuperar o espírito de resistência, sentir novamente aquela chama que ainda está dentro de nós e defender a vida até as últimas consequências. Devemos nos levantar contra a burguesia nacional que nos explora, bem como contra os camaradas de outras comunidades, e libertar nosso povo de suas expressões coloniais. Ainda temos um mundo a conquistar. Em nossa cultura, nossa história, como nas de outras comunidades que abraçam os valores democráticos, está a chave para uma vida livre.

A única resposta para superar nossas contradições é, portanto, a insistência no internacionalismo e no socialismo. Somente através de um claro confronto direto contra o sistema poderemos nos libertar dessas correntes que nos condenam a uma vida incolor e sem sentido. Mas esta firme determinação pela luta e libertação requer uma consciência histórica, uma (re)ligação com nosso passado, nossas raízes.

Devemos recuperar o sentido da vida através de nossa cultura, nossa língua e nossa luta. Não podemos amar a vida sob a estrutura oferecida pelo capitalismo global. Temos que nos libertar de sua influência, superar esses limites e libertar nosso corpo, nossa mente e, o mais importante, nosso coração.

O povo curdo está nos mostrando o caminho. Após quase 50 anos de luta contra as forças coloniais e a implementação do Conferencialismo Democrático, eles estão construindo relações sociais ligadas à coletividade, ao amor e à liberdade. Suas mentes estão sendo liberadas e seus corações desamarrados da mentalidade opressiva e dominadora do sistema. Mas eles sabem melhor do que ninguém que a liberdade completa não pode vir sem a libertação de todos os povos.

**Há uma porta acima de nós que nos leva à utopia atraída pelo Movimento de Libertação Curdo. Agora só temos que libertar nossos pensamentos e sentimentos das limitações a que estão sujeitos.**

**Rizgar Etxebarrieta**

# **A Poesia da Revolução** **- Arlen Siu Bermudáz**

Roza Shanina

**Quando tu partiu para esse imenso destino  
tu me deixou teu violão, tua pintura inacabada  
teu poema profético, e o livro Juan Salvador Gaviota  
para que assim eu pudesse sentir teu amor  
para muito além do céu e da terra**

(Excerto do poema do pai de Arlen para ela, após sua morte)

## Quem nos dá força e coragem para nos lançarmos na luta revolucionária ? O que é preciso para se ousar dar o primeiro passo ? Quem nos dá a certeza de que nós eventualmente iremos vencer ? Quem nos dá a motivação contínua para seguir lutando, mesmo no mais difícil dos tempos ?

É a esperança que floresce em nós quando aprendemos sobre pessoas, especialmente jovens mulheres ao redor do globo ao longo da história, que não apenas sonharam alto, mas que lutaram com determinação para tornar esses sonhos reais. Sonhos, não apenas para suas próprias vidas, mas pela vida em si. É a esperança e a força que aprendemos com mulheres que nos mostraram que é preciso pioneiras altruístas para mover as massas. Pessoas que ousaram romper com o velho e se tornaram fonte de inspiração. Jovens mulheres que provaram que não há nada mais valioso que fazer sua pequena parte na grande luta pela libertação. Elas são jovens mulheres que defenderam a vida e deram suas próprias em troca, sempre sabendo que haveriam quem as seguisse para continuar o legado de luta até finalmente realizarem o sonho em comum.

Uma delas é Arlen Siu Bermudaz, uma jovem mulher da Nicarágua que se tornou imortal nos seus poucos 20 anos de idade. Arlen foi uma verdadeira fonte de inspiração, com uma veia poética, ela escreveu, pintou, dançou, e tocou música desde jovem. Provavelmente seu trabalho poético mais conhecido seja sua canção a canção que escreveu, Maria Rural, que dedicou as mães da Nicarágua que trabalham nos campos e plantações. É uma peça tão poética quanto política. Arlen escreveu essa canção em um país cuja economia era baseada principalmente na agricultura, em uma época em que as mulheres dificilmente possuíam quaisquer direitos. Muitas mulheres trabalhavam dia após dia por um salário de fome e eram também expostas a violência de seus supervisores. Em seus outros textos, ela também escreve sobre violência sexual contra mulheres, sobre o sequestro de mulheres pelos soldados do então vigente regime de Somoza, e sobre o papel sagrado das mulheres camponesas.

A profunda conexão de Arlen com as raízes da vida não é expressada somente em seu respeito pelas mães ligadas a terra. Arlen também esteve em busca por suas raízes. Sua mãe veio da Nicarágua e seu pai, que havia sido soldado no Exército Revolucionário Chinês, veio da China para a Nicarágua em 1940. Arlen, entendendo a importância de suas próprias raízes e sua língua materna, quis que seu pai lhe ensinasse sua língua materna. Ele, porém, recusou, o que não impediu Arlen de fazer o que considerava correto. Então ela aprendeu a língua com sua avó.

Criada entre duas culturas, Arlen incorpora o internacionalismo necessário para avançar a revolução socialista. Ela tem ancestrais tanto da América do Sul quanto do Oriente. Essas são duas regiões que produzem pensadores socialistas e experiências socialistas práticas, graças a isso hoje podemos aprender com os erros que eles cometeram. Se existe algo que aprendemos, é que o socialismo só funciona internacionalmente. Como diz o lema: Só seremos livres quando todos forem livres

Arlen estudou para se tornar professora com o desejo de combater o analfabetismo no país. Na universidade Arlen conheceu as Sandinistas. Um partido socialista revolucionário chamado Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN), que ganhou força em meio os movimentos estudantis da Nicarágua em 1960. Os Sandinistas tem esse nome para referenciar Augusto César Sandino, que lutou vitoriosamente contra o imperialismo dos EUA em 1920 e expulsou as tropas do país em 1933. Um ano depois, Sandino foi executado por Anastasio Somoza, que dois anos depois deu um golpe que transformou seu clã familiar em uma dinastia.

A ditadura e a corrupção do regime Somoza piorou drasticamente a situação da sociedade que em 1970 os Sandinistas rapidamente ganharam popularidade especialmente entre os

jovens. Arlen, também, encontrou seu caminho na resistência ativa ainda jovem, aos 18 anos.

Com seus escritos sobre Marxismo e libertação das mulheres, assim como as letras políticas de suas canções, Arlen rapidamente se tornou uma voz bem conhecida do movimento de mulheres nicaraguenses. Ela também contribuiu enormemente para o desenvolvimento político das mulheres entre os Sandinistas, fazendo dela uma das figuras de destaque entre as mulheres revolucionárias da Nicarágua até hoje.

A influência política de Arlen, especialmente através de sua poesia, se tornou uma pedra no sapato do regime de Somoza. Durante as apresentações musicais de Arlen, atiradores de elite eram posicionados ao redor da universidade. Em 1975, apenas dois anos após ela se unir aos Sandinistas, Arlen e algumas de suas amigas foram assassinadas nas montanhas próximas da cidade de León, próximo de um campo de treinamento Sandinista, em uma emboscada do regime de Somoza.

---

**O assassinato de Arlen e suas amigas causaram comoção nacional e fortes manifestações contra a Guarda Nacional. Arlen se tornou imortal. Através de sua luta política, sua poesia e suas canções revolucionárias, ela continua a inspirar muitas jovens mulheres na Nicarágua e além, no passado, hoje, e no futuro.**

---

O sonho e a luta de Arlen se realizaram poucos anos depois em 19 de Julho de 1979, quando o regime Somoza foi derrubado pela revolução Sandinista. Através da luta das guerrilhas, o país foi libertado da ditadura.



Através de várias novas leis e do trabalho do movimento das mulheres, a situação das mulheres na Nicarágua melhorou significativamente, e programas de saúde e reformas agrárias aumentaram a qualidade de vida geral. O acesso a terra foi democratizado e dado a famílias camponesas, criando a base para o modelo de auto suficiência nicaraguense que existe até hoje.

Mas o que mais teria alegrado Arlen é a revolução cultural que aconteceu entre os Sandinistas. Com campanhas contra o analfabetismo, os índices de analfabetismo foram reduzidos de 50% da população para 13% em apenas alguns meses após o começo oficial da revolução.

Arlen, que foi uma ponte entre a cultura e a revolução do povo da Nicarágua, nos mostra o papel da cultura no processo revolucionário. Uma forte conexão com sua cultura significa encontrar a si mesma, explorando suas raízes.

**Não é comum que o próprio horror da alienação da pessoa com suas raízes, isso é, com seu verdadeiro eu, o que nos põe de encontro a pensamentos revolucionários?**

Na arte e na cultura, por exemplo, através da música e da pintura, podemos dar expressão para os nossos sonhos, nossos valores. Nós podemos usar arte como uma declaração contra a destruição da cultura pelo imperialismo, que está tentando padronizar a todos nós e nos separar de nossa herança ancestral. Arlen inspirou e politizou as pessoas com sua música, durante sua vida e depois dela. Sua voz se tornou o arauto da revolução nicaraguense.

Essa revolução socialista no meio da guerra fria foi o resultado da coragem da juventude. Foi o desabrochar de sementes plantadas por jovens mulheres como Arlen, no mais duros dos tempos, para deixar o solo fértil como uma fonte de vida para as mães do futuro. Aqueles que conheciam Arlen sabem que desde sua juventude, Arlen sempre se posicionou contra as injustiças do regime vigente. Ela começou a fazer perguntas sobre pobreza e justiça ainda bastante jovem.

Revolução é uma questão de consciência. A História nos mostrou de novo e de novo que (mesmo que isso não seja especificamente mencionado normalmente) que é a juventude que dá os impulsos decisivos para questionar o

velho e exigir coisas novas, exigir justiça e tomar as ruas para conquistá-la. Todos nós sabemos disso. Quando eramos crianças pequenas, nós costumávamos importunar nossos pais com perguntas. E não raro, costumávamos encontrar fatos e circunstâncias que apenas não fazem sentido. Como a guerra, por exemplo. Ou a fome. Ou que nossos anciões devem sempre ter a última palavra. É esse espírito, a busca infantil pela verdade e justiça, que está muito viva na juventude de hoje. Não é sem motivo que Reber Apo enfatiza o indispensável papel da juventude da juventude nas revoluções. A juventude é o motor da mudança social!

Arlen é mais uma prova do papel das jovens mulheres na luta revolucionária. Com um senso de justiça, um entendimento poético de vida, e uma forte conexão com seu próprio país e suas raízes, ela mostrou o caminho da revolução. Na Nicarágua, em Rojava, e no mundo.

**Roza Shanina**



# Arte Quente

Rêbin Koçer



“Sou cantor, faço teatro, mas não posso me fechar naquele discurso de que a arte é uma forma de luta. Claro que é, mas desde que, numa situação de repressão ou recuperação de território, o artista esteja também lá, acompanhando, colocando o seu corpo, apoiando as recuperações territoriais, dando comida, abrigando, participando de cerimônias onde sentimos frio e angústia pois não sabemos à que horas a repressão chegará. É preciso sair dessa zona de conforto, "sou mapuche e reivindiquei a luta de um palco, de um livro", essa luta é verdadeira e necessária quando também coloco meu corpo e meu novo “newen” nos territórios que estão em conflito.”

Soraya Maicoño, atriz e cantora mapuche

Fragmento del libro: REUNIÓN / LOF LAFKEN WINKUL MAPU / DANI ZELKO  
Puel Mapu / 2019<sup>1</sup>

## Helarte

No centro cultural que organizo na Argentina gostamos de brincar com as palavras e dar-lhes novos significados, uma vez escrevemos um manifesto que dizia que "arte" não era uma palavra masculina (lembrando que esse texto foi escrito em espanhol e a palavra arte é um substantivo masculino – el arte), e que esse atributo tinha que ser removido porque EL-ARTE- H-ELARTE (que em português significa congelar) está chegando a um ponto limite devido ao excesso de frio. E isso é o que as pessoas das classes populares sentem quando entram nos museus: frio. Não porque nesses lugares existem ar-condicionado e nas suas casas não, frio porque tem um policial na porta que os olha de cima a baixo quando mal se aproximam, frio porque tudo está muito limpo e arrumado, e para nós a arte é uma bagunça, por isso que a fachada, às vezes, vale mais do que o que está dentro.

Na América Latina e na Europa para ver "arte" muitas vezes é preciso pagar uma taxa de entrada e, as pessoas que expõem, são escolhidas por afinidade ou pagam caro. O que é proclamado arte, muitas vezes, contém uma mensagem criptografada e acadêmica que exclui aqueles que não pertencem a determinado círculo ou classe social. Nos encontros sociais e congressos culturais, as perguntas são sempre as mesmas: O que é arte? O artista pode ser separado de sua obra? Ou seja, questões que desviam a atenção de assuntos importantes e fundamentais como: Por que e desde quando isso acontece? Pode ser de uma outra forma?

Uma canção da comunidade Koçer tinha e tem a função de preservar a história, de transmitir mensagens; uma canção mapuche em "Abya Yala"<sup>2</sup> fez uma criança dormir enquanto ensinavam a ela o amor por sua terra; movimentos corporais e passos de dança curda nos ensinam sobre os animais que existem na região e, também, representam determinados trabalhos que são executados na terra; o som de canções peruanas, no sudoeste da América do Sul, eram usados para comunicar às comunidades negras quando um escravo se rebelava. Nas comunidades não nacionalizadas, o artista ocupa um lugar, assim como o cozinheiro, como o soldado ou aquele que mantém o fogo. Cada um expressa o seu dom da melhor forma, o que se torna um alimento para o povo, ninguém é mais importante do que o outro, pois sua atividade é uma oferta e parte necessária da comunidade. A arte é a projeção do povo, o artista é o porta-voz de um momento e do tempo histórico coletivo. A arte é revolucionária e não um produto. Se ela não se transforma em nível coletivo, não pode ser chamada de arte.

<sup>2</sup> Abya Yala é o nome mais antigo conhecido até hoje para um território americano. Literalmente significa terra em plena maturidade ou terra de sangue vital.

O capitalismo fez o que sabe fazer, cercar, fragmentar e retirar o valor. O mesmo fez com todas as projeções metafísicas do ser humano: Ética., Religião, Arte em todos os seus ramos. Ética trancada em um tribunal, religião dentro de prédios corruptos e abusivos onde mora um deus punitivo e moralista, lugares de encontro e trocas sociais como shows de entretenimento e arte dentro dessas fachadas chamadas museus, academias, galerias e outros lugares que nada têm a ver com o popular. O que era uma expressão de libertação e representação do povo torna-se uma ferramenta de exclusão, punição e doutrinação e, principalmente, um produto que pode ser vendido.

Carlitos Marx dizia, mais ou menos assim, que o trabalhador realizava uma atividade repetitiva: por exemplo, sua tarefa era colocar uma porca em peças que iam fazer parte de um carro que, depois, ele não poderia comprar. Sua obra não o representava e nem representava uma imagem de

si mesmo, de seu lugar, de sua cultura e de sua comunidade. Quando o trabalhador não está em seu trabalho ou deixa que toda a transformação da natureza seja chamada de trabalho para satisfazer uma necessidade, quando ele não se vê naquilo que projeta, ele se perde e, diante dessa perda, o capitalismo oferece uma identidade emprestada a ele a um bom preço e a um mau custo, pois essa identidade não está de acordo com o que a pessoa e sua comunidade necessitam. O mesmo acontece com a arte quando não tem representação popular, enquanto ela deveria ser usada para transformar a natureza, para simbolizar um povo e para criar ficções e pensar na realidade de uma forma diferente. A arte durante milhares de anos serviu para o indivíduo e o povo fazerem perguntas, para agradecer e pedir mais colheitas, para encontrar outras maneiras de se expressar quando as palavras não alcançam determinados objetivos e para cantar as libertações necessárias.



**Abdulla Ocalan no livro "A Origem da Civilização" aborda o papel da arte na era suméria e explica o lugar e o valor das canções épicas para expressar uma identidade tribal e a nostalgia pela liberdade. Ele também aponta como essas expressões, ao serem dominadas pelas autoridades estatais, primeiro através dos padres e depois em forma mais organizada pelo estado, foram perdendo o seu valor sagrado de representatividade para se tornar um objeto de consumo.**

Referindo-se ao mesmo livro, podemos ver como a arte deixa de ser um lugar de representação dos acontecimentos de um povo para se tornar a representação da força e a ostentação de poder. O patriarcado, em sua tarefa sistemática de destruição, substitui as figuras da Deusa- Mãe, representadas no Neolítico, por diferentes figuras que colocarão a força do homem ao centro. Com o capitalismo, o lugar da mulher não só é negado na cena da expressão artística, como também ocupa um lugar de musa inspiradora e objeto de fetiche.

## Alarte

**"AI-ART (El arte transformado em substantivo feminino na língua espanhola ) é como vamos nomear nossas expressões daqui para frente, porque vamos até ela em busca do impossível; a arte está nos dando asas"**

segue o manifesto feito no centro cultural, onde atualmente se realizam oficinas para 200 meninas e meninos de graça. Muitos escritores, jornalistas, atores, cineastas, fotógrafos, artistas

de circo desarmam e remontam as oficinas toda vez que essa prática não diz o que eles querem que diga. É assim que as peças de teatro têm lidado com os problemas da comunidade.

Repensar o lugar da arte é repensar o quanto há de patriarcado e colonialismo em nossas expressões, quando acreditamos serem expressões de "libertação", assim como, a representação da mulher foi usurpada, também foi usurpado o lugar da expressão pela causalidade dialética. É sempre o mesmo gênero que ocupa os lugares dentro dos espaços da arte, são sempre as mesmas classes sociais que têm espaço para se representar e representar outras classes com os seus dispositivos de preconceito.

No Curdistão, a revolução permitiu a liberdade dos bens materiais e os direitos imateriais que dão a oportunidade de simbolizar e recuperar a cultura. Por exemplo, hoje em Pargin, um espaço cultural em Koçerata, os jovens documentam, filmam canções e manifestações culturais da comunidade Koçer e resgatam sua própria

história que, provavelmente, teria se perdido, se não fosse a revolução lutando pela preservação e pela identidade do povo curdo. O cinema komina, espaço autônomo que reúne cineastas curdos e internacionalistas desde a revolução, dá a oportunidade de contar histórias sobre a cultura curda, que antes eram proibidas pelo regime sírio, como o teatro, a poesia, a música, a pintura e a dança representados nas montanhas e nas ruas de Rojava simbolizando o povo, homenageando os caídos e elevando a moral numa época de tantos ataques do Estado turco, colocam a arte em um lugar indispensável a luta. A arte quando é feita para o povo e para a sociedade é puro poder abrasador.

---

**"Repensar o lugar da arte é repensar o quanto há de patriarcado e colonialismo em nossas expressões, quando acreditamos serem expressões de "libertação", assim como, a representação da mulher foi usurpada, também foi usurpado o lugar da expressão pela causalidade dialética."**

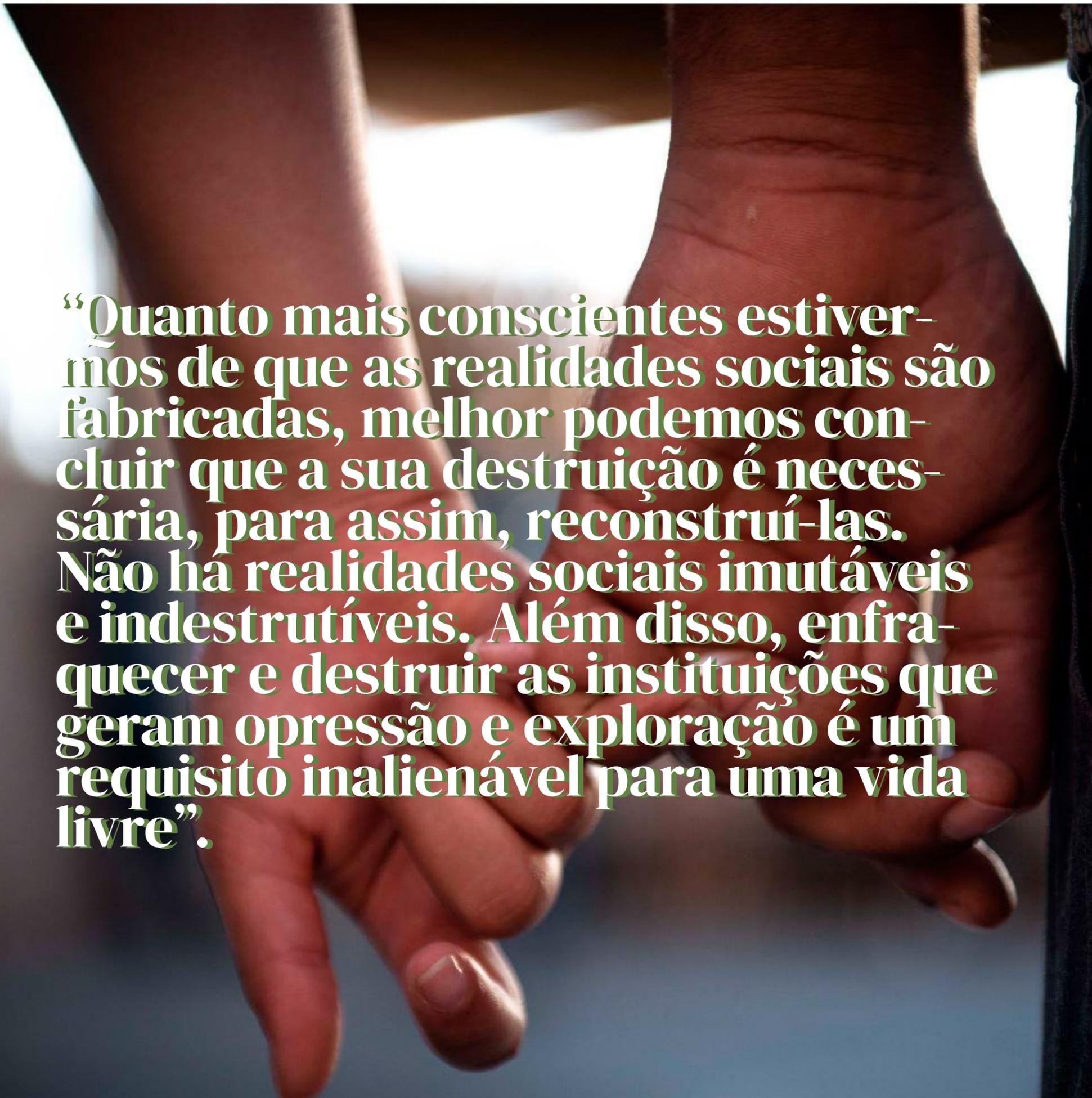
---



---

É fundamental pensarmos em nós internacionalistas quando trabalhamos expressando ou ensinando arte, o quão colonizadas são as nossas expectativas e quão patriarcais são as nossas formas de realizar o nosso trabalho. É preciso desconstruir o que trazemos e deixarmos a revolução passar por nós, para assim, sabermos qual é a melhor forma de expressão que precisamos para nos libertar junto ao povo. Arte não se exporta, arte se constrói, arte não se ensina sem ter o conhecimento de um povo, sem saber o que necessitam, por exemplo, não há uma maneira correta de tirar uma foto, ou de filmar, não posso trazer um formato da América ou da Europa, não posso contar uma história sem antes me sentar para ouvi-la. .

---



**“Quanto mais conscientes estivermos de que as realidades sociais são fabricadas, melhor podemos concluir que a sua destruição é necessária, para assim, reconstruí-las. Não há realidades sociais imutáveis e indestrutíveis. Além disso, enfraquecer e destruir as instituições que geram opressão e exploração é um requisito inalienável para uma vida livre”.**

# A Linguagem e a Memória Histórica da “Resistência”: Contra a Assimilação do **capital**

Iraultza Şiyar

**“Toda a linguagem configura um processo contínuo de metáfora, e a história da semântica é um aspecto da história da cultura; a linguagem é, ao mesmo tempo, algo vivo e um museu de fósseis da vida e das civilizações.”**

Trechos selecionados dos cadernos do cárcere, Antonio Gramsci

Linguagens de povos subjugados, dentro de contextos relacionados à assimilação burguesa nacional, devem ser protegidas e tratadas como um componente crítico da revolução social e da luta pela libertação contra o capital. Ao redor do mundo, desde a Mesopotâmia, o subcontinente Indiano, a Irlanda, Euskal Herria, a América Latina e a África, a assimilação pelo capital está resultando na perda de linguagens e da memória histórica de resistência contra o desenvolvimento do capitalismo em uma civilização centralizada. É um genocídio cultural que está nos afastando perma-

nentemente de uma plena revolução social. Todas essas linguagens muitas vezes têm as suas raízes e construções derivadas de formas de organização naturais que datam desde antes do desenvolvimento das relações de exploração e dominação dos seres humanos e da natureza. No presente, elas carregam uma visão de mundo e uma memória histórica enraizada na resistência, na luta dos deslocados e dos explorados

Conforme as pessoas oprimidas são assimiladas no mecanismo do capital, em consonância com a alienação do

trabalho, elas são forçadas a adotar a linguagem do estado-nação burguesa, além de outros idiomas internacionais impostos pelo capital. Partindo do ponto de vista do chauvinismo e do positivismo, alguns poderiam argumentar que isso é um aspecto benéfico— ignorando, dessa forma, a violência social em massa que leva a essa etapa de assimilação, além dos efeitos resultantes dessa assimilação que afetam os deslocados, a classe proletária. Eles argumentam que como o proletariado é homogeneizado, ou, em outras palavras, violentamente assimilados em nome da burguesia e de

uma abrangente ideologia de estado-nação burguesa, ele (o proletariado) começa a falar, pensar e viver em uma linguagem que permite, ao menos, uma ampla capacidade comunicativa que pode ser utilizada de maneira compartilhada entre os povos contra a opressão. Contudo, a linguagem é muito mais do que apenas um método de comunicação para o proletariado. A linguagem carrega consigo toda uma visão demundo. E, atualmente, na maior parte dos estadosnações burgueses, especialmente nos centros do capitalismo, a linguagem passou anteriormente por um processo no qual o significado social foi perdido, além da perda da consciência de classe e da resistência.

A linguagem molda o entendimento da relação dos indivíduos com as outras pessoas e com a natureza. Além disso, em si mesma, no caso de muitas línguas antigas de povos oprimidos, também há a existência da história de uma certa classe de pessoas, ou seja, uma consciência de classe intrínseca à linguagem e que está associada à história da resistência contra a propriedade privada em suas diferentes manifestações, seja no patriarcado, no colonialismo e no capitalismo. Quando um povo perde a sua linguagem, perde-se também a memória histórica. Com isso, a memória da linguagem do capital, a linguagem do estado-nação, em toda a sua alienação e suas manifestações simbólicas desprovidas de significado sobre o que é ser humano, acaba, com toda a sua cultura vazia e mercantilizada, substituindo a linguagem de um povo. A ideologia hegemônica da naçãoestado absorve a memória histórica de resistência dos povos e acaba com a poderosa habilidade das classes dominadas de articular outras maneiras de pensar e de naturalmente se opor ao capitalismo. Isso tem sido um processo histórico contínuo que tem devastado a maior parte do mundo,

destruindo, dessa forma, povos pré-capitalistas e os fragmentando em sua forma e em seu valor, com a finalidade de utilizar os seus restos para construir estadosnações burgueses cada vez mais fortes e que podem administrar o capital à custa de bilhões de vidas humanas. Dessa maneira, há o sofrimento humano e a destruição de nosso mundo em nome do privilégio de apenas uma classe, a qual planeja sair ileso de toda essa destruição.

Este processo descrito acima já devastou a massa de terras que chamamos de Europa, com a exceção parcial de nações como Euskal Herria, na qual a linguagem é a sobrevivente de um longo processo de apagamento. Isso é fruto da resistência de milhares de anos contra a opressão e a dominação pelos relativamente recém chegados indo-europeus. Se dermos uma olhada na antiga língua basca, Euskera, podemos perceber a maneira em que a sociedade de Euskal Herria entendia as relações com o mundo e com a comunidade. Portanto, há uma razão para que a palavra "harreman" signifique receber (hartu) e doar (eman). A palavra expressa os princípios de coletividade sob os quais a sociedade Basca esteve organizada. Da mesma maneira, na etimologia de diversas palavras encontramos sinais de relacionamentos, o que é impossível na atual conjuntura de auto-alienação; revela-se, assim, tudo o que está escondido por trás dos elementos materiais e da natureza. A palavra "bihotza" (bi/duas + ahotza/ voz) é uma. O coração não emite apenas dois sons, mas duas vozes que falam com a gente e que nos guiam a cada passo que damos. Portanto, pode-se afirmar que o nosso coração e os nossos sentimentos estavam conectados conosco de diferentes e de íntimas formas. Podemos dizer que, em nossa maneira de pensar e observar, tudo no mundo possui a sua vitalidade, e a fron-

teira entre a vida e a morte foi obscurecida conforme expressado pelas palavras ilargi (lua) ou hilerri (cemitério). Ilargia vem das palavras hilaren (morte) e argia (luz) e significa "a luz dos mortos". A lua, ou a luz dos mortos, sempre foi um ponto de referência para o nosso povo. A lua é uma referência constante para os nossos ancestrais, ela nos conecta com eles e com o mundo natural, além de ser um lembrete de que os seus sacrifícios são o que nos dá a oportunidade de lutar pela vida livre nos dias de hoje. Da mesma maneira, "Hilerri" significa "a aldeia ou a terra dos mortos". As mortes de nossos ancestrais nunca são esquecidas e, de fato, eles estão vivos e permanecem conosco.

A beleza da linguagem reside no fato de que a primavera pode fazer florescer um mundo sem limites, embora agora ela (a linguagem) venha sendo apagada pelo longo inverno trazido pelo capitalismo. Justamente enquanto eu escrevo essas palavras, sinto o quão distante estou delas e percebo a assimilação pelo capital que me confronta. Mesmo que a linguagem seja mantida viva através do esforço de milhares de militantes e revolucionários, ela está sendo institucionalizada e influenciada pelo estado e pelas instituições, um processo auxiliado pela burguesia Basca e pelo seu específico plano de guerra contra a autêntica cultura Basca, a qual se encontra enraizada em valores proto-comunistas. Portanto, com a mercantilização e a hegemonia ideológica, as palavras perdem o seu significado e a sua vitalidade— perdemos a memória da resistência histórica, o que nos deixa em posição de vulnerabilidade com a qual podemos apenas pensar sob os parâmetros da naçãoestado da França e da Espanha, além de sua ideologia burguesa

**"Um povo que se liberta do domínio estrangeiro não será culturalmente livre a não ser que, sem complexos e sem subestimar a importância dos acréscimos positivos da cultura do opressor e de outras culturas, retome os caminhos ascendentes da sua própria, cultura que se alimenta da realidade viva do meio, e negue tanto as influências nocivas como qualquer espécie de subordinação a culturas estrangeiras. Vemos assim que, se o domínio imperialista tem como necessidade vital praticar a opressão cultural, a libertação nacional é, necessariamente, um ato de cultura".**

Libertação Nacional e Cultura, Amílcar Cabral

Quando perdemos, dessa maneira, a nossa história, perdemos também um ponto norteador para a recriação e a revitalização de uma sociedade justa; excluimos a possibilidade de resgatar as nossas oprimidas culturas nacionais da influência da dominação, em troca de um entendimento desconexo do mundo e de uma continuação no processo de dominação. Em muitos casos, perdemos o orgulho e a consciência de classe expressa na linguagem, como a luta dos camponeses contra os proprietários de terra, a resistência às relações sociais desumanas e a luta contra exploração do meio ambiente. Perdemos a história proto-comunista de nosso povo, assim como os seus modos naturais de organização. Perdemos a posição da mulher no centro da vida. Perdemos todo o universo, nosso estar nele, e o significado social inexprimível que lhe demos em um processo de milhares de anos. Essas lutas são, então, encaradas como uma resistência primitiva à modernização, como também uma reação retrógrada à industrialização e à tecnologização pelos estados coloniais burgueses. Com isso, perdemos um tempo importante de luta para a revisão classista e imperialista.

Atualmente, há dez milhões de curdos que não falam mais a sua própria língua, que foi assimilada em diversos estados-nações, esquecendo, dessa forma, quem eles realmente são. O movimento do capital e a natureza do colonialismo os levaram a trabalhar em todo o mundo. Junto da intensa alienação de seus trabalhos, eles foram assimilados e, como resultado disso, a consciência de uma longa história de resistência ao colonialismo foi prejudicada. Em curdo, a

palavra "berxwedan" possui um contexto histórico muito específico e que é entendido pelos curdos que ainda se defendem atualmente do processo de assimilação: a ação de auto-sacrifício de Şehid Mazlum Dogan no dia de Newroz. Esse sacrifício têm sido um impulso para que a sociedade se sacrifique em larga escala diante da dominação colonial. E, se você perguntar para um curdo o que berxwedan significa, as chances de que o nome de Şehid Mazlum seja mencionado são muito altas. Essa palavra literalmente significa colocar-se de frente, a partir da construção de ber (de frente), xwe (si mesmo), e dan (colocar); e essa palavra (berxwedan) é entendida a partir de fortes conotações de sacrifício relacionado a essa experiência histórica específica.

Contudo, quando traduzimos essa palavra para outras línguas, o significado por trás da palavra, o qual está vinculado a essa experiência histórica do "colocar-se de frente", é apagado. Em outras línguas, como no Turco, a tradução desta expressão é simplesmente "resistência" ou, mais precisamente, conter-se de algo. Isso evidencia uma falta de significado explícito relacionado ao sacrifício contido na ação e, em um contexto capitalista, a palavra acaba se tornando desprovida de qualquer significado, inclusive do significado contido no contexto da memória histórica de muitos curdos em luta contra o imperialismo. Então, através da assimilação, o inimigo ataca o povo e, sabendo que podem apagar a memória histórica, eles também podem realizar um apagamento na mente das próprias pessoas.

A linguagem de nossas resistências culturais deve ser a linguagem de nossas revoluções sociais— caso contrário, a recriação de uma nova sociedade será colocada em desvantagem, sendo limitada pela ideologia burguesa dos estados-nações capitalistas. A etimologia da independência em ambos, Curdo e Euskera, linguagens de resistência histórica mas sem conexão uma com a outra, relacionam-se diretamente com o controle sobre a mente. Para serxwebun (Curdo) e burujabetasuna (Euskera), "ser" e "buru" significam "cabeça", e "xwe" e "jabe" significa "si mesmo" e "dono". Quando se expulsa a dominação material de nosso espaço e se reestabelece a primazia da forma de valor, fazendo com que as relações sociais não se constituam mais em torno da propriedade privada e do patriarcado, como é colocado em prática nas montanhas livres do Curdistão, as expressões começam a assumir uma nova forma mais próxima de seu significado original— e essas construções auxiliam na criação do novo ser humano, com um novo modo de pensar baseado na unidade com a natureza, com o matriarcado e com vida comunal. Essas ideias estão escondidas na linguagem e são reveladas a medida que o capitalismo é destruído. O processo de transformação de pessoas pode acontecer sem a imposição da dominação estrangeira.

## Iraultza Şiyar

---

**"A etimologia da independência em ambos, Curdo e Euskera, linguagens de resistência histórica mas sem conexão uma com a outra, relacionam-se diretamente com o controle sobre a mente. Para serxwebun (Curdo) e burujabetasuna (Euskera), "ser" e "buru" significam "cabeça", e "xwe" e "jabe" significa "si mesmo" e "dono"."**

---



# O que aconteceu na história?

1962

## 3 de julho

A Argélia proclamou a independência do Estado francês. Esse dia marcou o fim da guerra que havia começado oito anos antes e que, segundo fontes, havia ceifado mais de 300.000 vidas. No referendo realizado dois dias antes, a votação foi de 99,7% a favor. Isto iniciou o êxodo dos europeus, deixando apenas 124.000 dos quase milhões de colonos que haviam estado lá no início do ano. Por outro lado, os Harkis, cerca de 100.000 argelinos que lutaram pelos franceses e foram deixados para trás, são considerados vítimas da independência.

1917

## 3-7 de julho

16-20 de julio del calendario gregoriano

Os chamados "dias de julho", no processo da revolução russa, acontecem. Os líderes dos bolcheviques começam uma tentativa de derrubar o governo provisório da ofensiva Kerensky-Ofensiva que ainda existia paralelamente ao soviético de Petrogrado fundado na revolução de fevereiro do mesmo ano. Devido ao fracasso da greve geral convocada por essa razão e outros erros táticos, as tentativas se transformaram no oposto e levaram a Kerensky-Ofensiva a ser novamente o único poder governante e Lenin e os bolcheviques a serem forçados a se organizar ilegalmente e na clandestinidade novamente. Como consequência do congresso de seu partido no final de julho, eles decidiram, portanto, iniciar uma revolta armada para tomar o poder e iniciar os preparativos para isso.

1789

## 14 de julho

Mehmet Hayri Durmuş, Kemal Pir, Akif Yılmaz e Ali Çiçek iniciam uma greve de fome na prisão de Amed, continuando e trazendo à vida novamente a linha de esperança e resistência iniciada por Mazlum Doğan sobre Newroz (celebração dos novos anos no Oriente Médio em 21 de março) em 1982, quando ele fez sua ação de auto-sacrifício colocando três fósforos iluminados em sua cela e levando sua vida para expressar: "a rendição é traição, a resistência traz a vitória". A greve de fome histórica e toda a resistência prisional Amed provaram que a vontade de PKK nunca pode ser quebrada pelo inimigo e espalhar uma nova onda enorme de crença e esperança por todo o Curdistão, criando assim o fundamento para a força desenvolvida na luta contínua do movimento.

1936

## 19 de julho

A revolução catalã se realiza. Um golpe militar tem como objetivo derrubar o governo da Frente Popular da 2ª República Espanhola e tomar as principais cidades. O golpe é derrotado pelo povo catalão em Barcelona, liderado por trabalhadores organizados e anarco-sindicalistas. Como consequência, a CNT (Confederação Nacional do Trabalho) pode manter o poder na capital até maio de 1937. É a única revolução na história em que anarquistas e anarco-sindicalistas desempenharam um papel determinante. Devido à separação dentro dos grupos revolucionários de esquerda pelos estalinistas e o PSUC (Partit Socialista Unificat de Catalunya / Partido Socialista Unificado da Catalunha) começando a tomar uma posição de contra-revolução, o caminho foi pavimentado para os nacionalistas recuperarem seu poder. Como consequência, as forças fascistas de Franco ganharam a Guerra Civil Espanhola de 1939.

1979

A revolução nicaraguense ocorre. Após longos anos de resistência, o povo da Nicarágua se levanta em massa, liderado pela Frente Sandinista de Libertação Nacional e derruba o regime ditatorial fascista de Anastasio Somoza. Especialmente mulheres e homens jovens, trabalhadores e agricultores participaram das revoltas, mas também cristãos e outros grupos de fé e sociais. Esta foi também a fonte de força desta revolução - uma grande maioria do povo nicaraguense se uniu contra o regime, unida pelos longos anos de luta liderados por muitos tipos diferentes de grupos, todos enfrentaram enorme violência e repressão por parte do regime. O governo formado pela revolução perdeu o apoio do povo após algum tempo devido a vários erros em sua prática, como consequência a FSLN - o partido dos sandinistas - se reestruturou para manter seu poder no governo e assim afastou seus conteúdos e valores dos ideais do Guerrillero Alberto César Sandino, razão pela qual os objetivos de democracia, igualdade, justiça e independência não puderam ser plenamente alcançados.

2012

A revolução Rojava começa. As revoltas em Kobane, onde o povo lutava contra o chamado ISIS e se opunha ao regime sírio, abrem as portas para uma onda de mudança que espalha a esperança por todas as partes do mundo. Em 2022 comemora-se o 10º aniversário da revolução, ao mesmo tempo em que são constantemente confrontados com vários tipos de guerra, as sementes que foram plantadas no início do processo revolucionário cresceram muito em toda Rojava e no Nordeste da Síria nesta primeira década, a auto-administração autônoma e o sistema de confederalismo democrático construíram uma verdadeira alternativa democrática para o povo do Curdistão e do Oriente Médio. Muito foi alcançado, mas muito ainda falta lutar e a luta, a revolução continua e cresce a cada dia, tendo a clara visão internacionalista para derrotar todo o sistema capitalista, patriarcal e colonial.

1964

## 20 de julho

Realiza-se a Primeira Conferência de Guerrilha na Colômbia. Como reação a um ataque militar contra Marquetalia e outras comunidades que estavam construindo alternativas de vida com foco nas necessidades da população rural, as Guerrilhas da região organizaram um encontro com outros grupos e forças revolucionárias do país para desenvolver uma estratégia e formar um grupo Guerrilha unido que na época era chamado de Bloco Sul, para se opor aos ataques e à repressão do governo. Em sua segunda conferência, eles se renomearam para FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), sob as quais são hoje conhecidos em sua maioria.

2001

A polícia italiana matou Carlo Giuliani em Gênova, em uma manifestação contra o G8. No meio de uma luta, de um carro militar, a polícia atirou e depois o pisou. O jovem Carlo Giuliani tornou-se um símbolo do movimento contra a globalização.

1988

## 27 de julho

Presume-se que este dia seja o dia de início dos massacres contra prisioneiros políticos nas prisões iranianas. Os ativistas militantes de esquerda e revolucionários deveriam ser eliminados. Os prisioneiros ligados à organização militante Mujahedin do Povo do Irã eram especialmente visados, assim como aqueles que pertenciam a outras organizações radicais de esquerda, socialistas e comunistas. Enorme violência e tortura foi usada contra todos eles, milhares foram mortos no decorrer desses eventos, os mártires foram secretamente enterrados em valas comuns.

1979

Nasce Marielle Franco, ativista afro-brasileira feminista e socialista. Ela se proclamou nas eleições municipais como defensora das "mulheres pobres e dos moradores de favelas". Ela foi morta a tiros pela polícia. Milhares de pessoas foram às ruas para denunciar o assassinato.

1914

## 28 de julho

A Primeira Guerra Mundial eclodiu quando os confrontos entre os impérios europeus atingiram seu auge.

2006

## 30 de julho

Murray Bookchin morreu aos 85 anos de idade. Ele era um socialista americano e fundou o conceito de ecologia social e municipalismo libertário.

1962

## 31 de julho

Em Dar Es Salaam, Tanzânia, acontece o primeiro Dia Pan-Africano da Mulher. Nesta conferência, o primeiro e mais antigo coletivo feminino da África foi fundado como uma organização contra o colonialismo, o apartheid e a opressão e discriminação das mulheres africanas. O PAWO aponta especialmente a unidade de todas as mulheres africanas, suas conquistas e realidades.



1968

## 2 de agosto

Como primeiro ataque planejado, o ETA (Euskadi Ta Askatasuna - organização subterrânea Bask) mata Melitón Manzanos González. Ele foi um policial na Espanha durante a ditadura de Franco, colaborador da Gestapo durante a Segunda Guerra Mundial e líder da "brigada político-social" policial franquista de Gipuzkoa. Nestas posições, ele torturou uma grande quantidade de pessoas e por isto foi finalmente punido naquele dia por esta ação da ETA.

2014

## 3 de agosto

Os 74 massacres contra o povo yazidi de Sengal aconteceram, os chamados ISIS atacaram e ocuparam Sengal com um imenso nível de violência e brutalidade. Milhares de pessoas foram assassinadas ou viram sua única saída fugindo de suas casas, milhares de mulheres e crianças foram seqüestradas, violadas e vendidas como escravas. Durante mais de um ano, o povo de Sengal lutou contra a ocupação do chamado ISIS, que resultou na libertação de Sengal em 13 de novembro de 2015.

1967

## 4 de agosto

Alberto Bayo morre em Havana. Nascido em Cuba, uma colônia da Espanha, foi levado para a Guerra do Rif no norte da África no exército espanhol, apesar de estar do lado da resistência do Rif. Na Guerra de 36, ele lutou contra Franco como piloto de linha aérea. Depois de perder a guerra, mudou-se para o México e em 1947 fez parte da Lei da República Dominicana e do Caribe criada para expulsar os ditadores nicaraguenses. Em 1955 ele se juntou a Fidel Castro e participou da revolução cubana contra a ditadura de Fulgencio Batista, ensinando táticas de guerrilha.

1936

## 5 de agosto

O anarco-sindicalista José Buenaventura Durruti Dumange, militante do CNT e que desempenhou um papel importante na revolução catalã e na guerra civil espanhola, disse em uma entrevista publicada naquele dia: "A burguesia pode explodir e arruinar seu próprio mundo antes de deixar o palco da história. Nós carregamos um mundo novo aqui, em nossos corações". Esse mundo está crescendo neste minuto".

1933

## 7 de agosto

3000 assírios são assassinados pelo governo iraquiano na aldeia de Simele, por esta razão este dia está sendo lembrado como o Dia dos Mártires Assírios.

1936

## 8 de agosto

O estado francês fecha a fronteira com a Espanha, onde a revolução está acontecendo naquela época. Como consequência, os internacionalistas que vinham em enormes quantidades de diferentes lugares para se juntar à luta contra o fascismo deveriam ser reprimidos, desencorajados ou eliminados no caminho devido a isso, foram forçados a atravessar as montanhas dos Pirineus. No entanto, milhares ainda vieram de todo o mundo para participar e lutar na revolução catalã.

2003

## 9 de agosto

Estabelecimento e anúncio dos Caracóis e Juntas de Buen Gobierno (os conselhos do bom governo) como uma nova estratégia e um alargamento da autonomia dos Zapatistas. Os conselhos visam assegurar as leis revolucionárias do EZLN e de suas comunidades e o intercâmbio para a coordenação e a busca de soluções para o povo. O nome Caracoles é simbólico para a auto-administração autônoma, a tomada de decisões coletivas e a espiral de discussões políticas contínuas entre todas as diferentes vozes e cores para encontrar um compromisso. As mudanças que foram postas em prática por este meio ficaram sob a linha da declaração: Um bom governo está governando com razão e não com um exército.

1956

Uma marcha de 20.000 mulheres se realiza em Pretória, África do Sul, para tomar uma posição contra as leis do apartheid que controlavam e oprimiam a liberdade de movimento dos negros e índios. Esta forte marcha foi o ponto de partida para uma onda de desobediência civil. Este dia é, portanto, comemorado na África do Sul como o Dia da Mulher.

2016

## 13 de agosto

A cidade de Minbic foi liberada do ISIS em uma luta de 75 dias de resistência, heroísmo, esforços e martírios. As forças YPJ & YPG (SDF) poderiam trazer a luz da esperança de volta para o povo.



1984

## 15 de agosto

Início da luta armada do PKK. Nas condições e na realidade da tortura e da greve de fome na prisão Amed, ficou finalmente clara a necessidade da luta armada para combater o fascismo turco. Na continuidade da força de vontade e da esperança que foi ressuscitada na resistência carcerária em Amed, o histórico 2º congresso do comitê do PKK decidiu voltar ao Curdistão e iniciar a luta armada. Após 2 anos de preparação, a primeira bala foi disparada neste dia.

1947

A Índia declarou a sua independência da Grã-Bretanha. Milhares de pessoas mobilizaram e encenaram numerosos protestos e motins violentos ao longo dos anos. As divisões étnicas promovidas pelos britânicos ao longo dos anos no país levaram à instabilidade no país recentemente libertado.

1940

## 21 de agosto

Leon Trotsky é assassinado. Ele era um marxista ucraniano russo que fundou o Exército Vermelho na União Soviética e foi seu primeiro líder.

1982

## 20-25 de agosto

Realiza-se o 2º congresso do partido PKK. Suas próprias práticas e desenvolvimentos, bem como toda a situação política daquela época, foram refletidas, avaliadas e analisadas de forma autocrítica e a estratégia foi ajustada de acordo com isso. O ponto central deste 2º congresso foi a decisão de voltar ao Curdistão e de pegar armas contra o inimigo como uma dimensão necessária da luta.

1942

## 25 de agosto

Na Iugoslávia, formaram a primeira unidade de partidários composta exclusivamente por mulheres, para lutar contra os nazistas. Imediatamente, estes grupos começaram a se organizar e a se propagar. Quando a resistência foi colocada em movimento, o partido comunista da Iugoslávia chamou as mulheres para trabalhar na retaguarda, mas já havia muitas mulheres armadas entre os partidários.

# Poema

## O Navio Negreiro



Era um sonho dantesco... o tombadilho  
Que das luzernas avermelha o brilho.  
Em sangue a se banhar.  
Tinir de ferros... estalar de açoite...  
Legiões de homens negros como a noite,  
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Rega o sangue das mães:  
Outras moças, mas nuas e espantadas,  
No turbilhão de espectros arrastadas,  
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais ...  
Se o velho arqueja, se no chão resvala,  
Ouvem-se gritos... o chicote estala.  
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,  
A multidão faminta cambaleia,  
E chora e dança ali!  
Um de raiva delira, outro enlouquece,  
Outro, que martírios embrutece,  
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,  
E após fitando o céu que se desdobra,  
Tão puro sobre o mar,  
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:  
"Vibrai riço o chicote, marinheiros!  
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais...  
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...  
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!  
E ri-se Satanás!...

**Castro Alves**



# Gay at the Women's Front

Internationalist Women's Podcast from the Heart of the Revolution



WOMENSFONT.COM



## SUPPORT & SHARE



Listen on Anchor, Spotify and all other platforms

Cada mulher traz em si um fogo de vida pura, e agora cada vez mais mulheres se lembram, uma vez mais, de que têm de usar este fogo de modo a iluminar, para si próprias e à sociedade, o caminho na saída da escuridão da opressão.

# JINA AMINI



*Ana Resya*

